

C E E J A



MUNDO DO
TRABALHO

ARTE

CADERNO DO ESTUDANTE

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS
VOLUME 2



Nos Cadernos do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho/CEEJA são indicados sites para o aprofundamento de conhecimentos, como fonte de consulta dos conteúdos apresentados e como referências bibliográficas. Todos esses endereços eletrônicos foram verificados. No entanto, como a internet é um meio dinâmico e sujeito a mudanças, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação não garante que os sites indicados permaneçam acessíveis ou inalterados após a data de consulta impressa neste material.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias do País, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

* Constituem “direitos autorais protegidos” todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas neste material que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Arte : caderno do estudante. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI) : Secretaria da Educação (SEE), 2014.
il. - - (Educação de Jovens e Adultos (EJA) : Mundo do Trabalho modalidade semipresencial, v. 2)

Conteúdo: v. 2. 7º ano do Ensino Fundamental Anos Finais.
ISBN: 978-85-8312-019-3 (Impresso)
978-85-8312-054-4 (Digital)

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Fundamental Anos Finais.
3. Modalidade Semipresencial. I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. II. Secretaria da Educação. III. Título.

CDD: 372.5

FICHA CATALOGRÁFICA

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8 / 7262





GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador

**Secretaria de Desenvolvimento Econômico,
Ciência, Tecnologia e Inovação**

Nelson Luiz Baeta Neves Filho

Secretário em exercício

Maria Cristina Lopes Victorino

Chefe de Gabinete

Ernesto Mascellani Neto

*Coordenador de Ensino Técnico,
Tecnológico e Profissionalizante*

Secretaria da Educação

Herman Voorwald

Secretário

Cleide Bauab Eid Bochixio

Secretária-Adjunta

Fernando Padula Novaes

Chefe de Gabinete

Maria Elizabete da Costa

Coordenadora de Gestão da Educação Básica

Mertila Larcher de Moraes

Diretora do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Adriana Aparecida de Oliveira

Adriana dos Santos Cunha

Luiz Carlos Tozetto

Virgínia Nunes de Oliveira Mendes

Técnicos do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Concepção do Programa e elaboração de conteúdos

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Coordenação Geral do Projeto
Ernesto Mascellani Neto

Equipe Técnica
Cibele Rodrigues Silva, João Mota Jr. e Raphael Lebsa do Prado

Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Wanderley Messias da Costa
Diretor Executivo

Márgara Raquel Cunha
Diretora de Políticas Sociais

Coordenação Executiva do Projeto
José Lucas Cordeiro

Coordenação Técnica
Impressos: Dilma Fabri Marão Pichoneri
Vídeos: Cristiane Ballerini

Equipe Técnica e Pedagógica
Ana Paula Alves de Lavos, Cláudia Beatriz de Castro N. Ometto, Clélia La Laina, Elen Cristina S. K. Vaz Döppenschmitt, Emily Hozokawa Dias, Fernando Manzieri Heder, Herbert Rodrigues, Laís Schalch, Liliane Bordignon de Souza, Marcos Luis Gomes,

Maria Etelvina R. Balan, Maria Helena de Castro Lima, Paula Marcia Ciacco da Silva Dias, Rodnei Pereira, Selma Venco e Walkiria Rigolon

Autores
Arte: Carolina Martins, Eloise Guazzelli, Emily Hozokawa Dias, Gisa Picosque e Laís Schalch; **Ciências:** Gustavo Isaac Killner, Maria Helena de Castro Lima e Rodnei Pereira; **Geografia:** Cláudia Beatriz de Castro N. Ometto, Clodoaldo Gomes Alencar Jr., Edinilson Quintiliano dos Santos, Liliane Bordignon de Souza e Mait Bertollo; **História:** Ana Paula Alves de Lavos, Fábio Luis Barbosa dos Santos e Fernando Manzieri Heder; **Inglês:** Clélia La Laina e Eduardo Portela; **Língua Portuguesa:** Claudio Bazzoni, Giulia Mendonça e Walkiria Rigolon; **Matemática:** Antonio José Lopes, Marcos Luis Gomes, Maria Etelvina R. Balan e Paula Marcia Ciacco da Silva Dias; **Trabalho:** Maria Helena de Castro Lima e Selma Venco (material adaptado e inserido nas demais disciplinas)

Gestão do processo de produção editorial

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Mauro de Mesquita Spínola
Presidente da Diretoria Executiva

José Joaquim do Amaral Ferreira
Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Gestão de Tecnologias em Educação

Direção da Área
Guilherme Ary Plonski

Coordenação Executiva do Projeto
Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Gestão do Portal
Luis Marcio Barbosa, Luiz Carlos Gonçalves, Sonia Akimoto e Wilder Rogério de Oliveira

Gestão de Comunicação
Ane do Valle

Gestão Editorial
Denise Blanes

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Equipe de Produção

Assessoria pedagógica: Ghisleine Trigo Silveira

Editorial: Carolina Grego Donadio e Paulo Mendes

Equipe Editorial: Adriana Ayami Takimoto, Airton Dantas de Araújo, Amanda Bonuccelli Voivodic, Ana Paula Santana Bezerra, Bárbara Odria Vieira, Bruno Pontes Barrio, Camila De Pieri Fernandes, Cláudia Letícia Vendrame Santos, David dos Santos Silva, Jean Kleber Silva, Lucas Puntel Carrasco, Mainã Greeb Vicente, Mariana Padoan de Sá Godinho, Patrícia Pinheiro de Sant'Ana, Tatiana Pavanelli Valsi e Thaís Nori Cornetta

Direitos autorais e iconografia: Aparecido Francisco, Camila Terra Hama, Fernanda Catalão Ramos, Mayara Ribeiro de Souza, Priscila Garofalo, Rita De Luca, Sandro Dominiquini Carrasco
Apoio à produção: Bia Ferraz, Maria Regina Xavier de Brito e Valéria Aranha

Projeto gráfico-editorial e diagramação: R2 Editorial, Michelangelo Russo e Casa de Ideias

Caro(a) estudante

É com grande satisfação que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, apresenta os Cadernos do Estudante do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho para os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs). A proposta é oferecer um material pedagógico de fácil compreensão, que favoreça seu retorno aos estudos.

Sabemos quanto é difícil para quem trabalha ou procura um emprego se dedicar aos estudos, principalmente quando se parou de estudar há algum tempo.

O Programa nasceu da constatação de que os estudantes jovens e adultos têm experiências pessoais que devem ser consideradas no processo de aprendizagem. Trata-se de um conjunto de experiências, conhecimentos e convicções que se formou ao longo da vida. Dessa forma, procuramos respeitar a trajetória daqueles que apostaram na educação como o caminho para a conquista de um futuro melhor.

Nos Cadernos e vídeos que fazem parte do seu material de estudo, você perceberá a nossa preocupação em estabelecer um diálogo com o mundo do trabalho e respeitar as especificidades da modalidade de ensino semipresencial praticada nos CEEJAs.

Esperamos que você conclua o Ensino Fundamental e, posteriormente, continue estudando e buscando conhecimentos importantes para seu desenvolvimento e sua participação na sociedade. Afinal, o conhecimento é o bem mais valioso que adquirimos na vida e o único que se acumula por toda a nossa existência.

Bons estudos!

Secretaria da Educação

Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

APRESENTAÇÃO

Estudar na idade adulta sempre demanda maior esforço, dado o acúmulo de responsabilidades (trabalho, família, atividades domésticas etc.), e a necessidade de estar diariamente em uma escola é, muitas vezes, um obstáculo para a retomada dos estudos, sobretudo devido à dificuldade de se conciliar estudo e trabalho. Nesse contexto, os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs) têm se constituído em uma alternativa para garantir o direito à educação aos que não conseguem frequentar regularmente a escola, tendo, assim, a opção de realizar um curso com presença flexível.

Para apoiar estudantes como você ao longo de seu percurso escolar, o Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho produziu materiais especificamente para os CEEJAs. Eles foram elaborados para atender a uma justa e antiga reivindicação de estudantes, professores e sociedade em geral: poder contar com materiais de apoio específicos para os estudos desse segmento.

Esses materiais são seus e, assim, você poderá estudar nos momentos mais adequados – conforme os horários que dispõe –, compartilhá-los com sua família, amigos etc. e guardá-los, para sempre estarem à mão no caso de futuras consultas.

Os Cadernos do Estudante apresentam textos que abordam e discutem os conteúdos propostos para cada disciplina e também atividades cujas respostas você poderá registrar no próprio material. Nesses Cadernos, você ainda terá espaço para registrar suas dúvidas, para que possa discuti-las com o professor sempre que for ao CEEJA.

Os vídeos que acompanham os Cadernos do Estudante, por sua vez, explicam, exemplificam e ampliam alguns dos assuntos tratados nos Cadernos, oferecendo informações que vão ajudá-lo a compreender melhor os conteúdos. São, portanto, um importante recurso com o qual você poderá contar em seus estudos.

Além desses materiais, o Programa EJA – Mundo do Trabalho tem um site exclusivo, que você poderá visitar sempre que desejar: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br>>. Nele, além de informações sobre o Programa, você acessa os Cadernos do Estudante e os vídeos de todas as disciplinas, ao clicar na aba **Conteúdo CEEJA**. Lá também estão disponíveis os vídeos de Trabalho, que abordam temas bastante significativos para jovens e adultos como você. Para encontrá-los, basta clicar na aba **Conteúdo EJA**.

Os materiais foram produzidos com a intenção de estabelecer um diálogo com você, visando facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem. Espera-se que, com esse estudo, você esteja pronto para realizar as provas no CEEJA e se sinta cada vez mais motivado a prosseguir sua trajetória escolar.



TENHO DÚVIDAS

JÁ ESTUDEI

Unidade 1 – Registro da memória.....	9		
Tema 1 – Arte pública.....	9	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tema 2 – A linguagem da gravura.....	21	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Unidade 2 – Artistas europeus: as marcas na cultura brasileira.....	37		
Tema 1 – Ideias inspiradoras: contribuições estrangeiras para a arte e a cultura do Brasil...37	37	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tema 2 – Outras influências estrangeiras na arte brasileira.....	55	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Unidade 3 – A cultura indígena na formação cultural do povo brasileiro.....	61		
Tema 1 – Cultura e arte indígenas brasileiras.....	61	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tema 2 – Arte plumária e tecelagem.....	73	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Unidade 4 – O barroco e o encontro afro-brasileiro.....	83		
Tema 1 – O barroco.....	83	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tema 2 – Cultura africana no Brasil.....	92	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>





Caro(a) estudante,

A proposta deste Volume 2 de Arte do Ensino Fundamental – Anos Finais é observar a vida cotidiana e a diversidade da cultura brasileira, valorizando e respeitando as contribuições das diferentes culturas para sua formação.

Para tanto, na Unidade 1, você estudará algumas manifestações artísticas que estão nas ruas. Elas são chamadas de arte pública. Mostram histórias e revelam a memória da cidade. Ainda nessa Unidade, você também vai conhecer uma das técnicas mais antigas e que ainda é muito utilizada em produções artísticas, a gravura.

Na Unidade 2, você estudará algumas ideias vindas de outros países e que ajudaram a formar a cultura brasileira. Entre essas ideias, você vai conhecer o movimento expressionista, que influenciou alguns artistas brasileiros participantes da Semana de Arte Moderna.

Na Unidade 3, você verá como a cultura indígena está presente na arte brasileira. Vai conhecer como os povos indígenas expressam sua arte e, mais especificamente, estudará a arte plumária e a tecelagem.

Por fim, na Unidade 4, você vai estudar a arte barroca e seu grande expoente no Brasil: Aleijadinho. Também verá como a cultura africana influenciou a cultura brasileira, levando à constituição da cultura afro-brasileira.

Em todas as Unidades deste Caderno, você estudará a relação entre a vida e a arte. Vai conhecer os assuntos abordados pelos artistas e a maneira como cada um cria a sua arte. Verá também como os artistas levam suas experiências de vida para a arte e de que modo isso acontece.

Com esses temas, você vai ampliar as possibilidades de reflexão sobre a vida e as relações humanas, que podem ser expressas de diferentes maneiras na vida cotidiana e nas produções artísticas.

Bons estudos!

TEMAS

1. Arte pública
2. A linguagem da gravura

Introdução

Nesta Unidade, você vai conhecer algumas obras de arte que estão expostas nas ruas das cidades. Vai refletir sobre algumas questões dessa arte e como ela interage com o espaço público (que é para uso de todos), podendo transformar e também revelar as memórias das cidades onde estão expostas, como é o caso de *Epopeia paulista*, trabalho de Maria Bonomi. Ainda nesta Unidade, será abordada a arte da gravura, mais especificamente a xilogravura. Essa arte pode ser utilizada para registrar memórias e é também uma expressão artística ligada à cultura do Nordeste do Brasil.

Arte pública TEMA 1

O objetivo deste Tema é que você conheça algumas obras de arte que estão expostas em lugares públicos, onde muitas pessoas passam cotidianamente. Além disso, é importante entender a relação dessas obras com os locais onde estão inseridas e como a arte pública pode mudar a paisagem de um local.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Ao sair de casa para o trabalho, para o CEEJA, ou mesmo quando passeia pela cidade, muitas vezes você pode não reparar nos monumentos ou esculturas que estão nos jardins e nas praças. Talvez não esteja atento para apreciar essas obras de arte. Em geral, no corre-corre da vida diária, pode ser difícil prestar atenção nas coisas que o cercam.

Existem obras de arte espalhadas nos trajetos que você percorre da sua casa para o trabalho ou para o CEEJA? Ou da sua casa para a casa de um parente ou amigo? E em outros locais de sua cidade?

Essas obras de arte podem ser monumentos, esculturas e pinturas nos muros, por exemplo. Qual a sensação que, em geral, essas obras provocam em você? Encantamento? Dúvida? Curiosidade? Indiferença?

Arte que transforma o espaço público

Em todo o mundo há inúmeras obras de arte que estão expostas nas ruas. Muitas delas nunca estiveram em galerias ou museus. Foram planejadas para serem mostradas em lugares públicos, muitas vezes a céu aberto, de modo permanente ou temporário.

As obras de arte expostas em avenidas, ruas, parques ou estações são chamadas de arte pública. Essas obras podem ser vistas e apreciadas, gratuitamente, por todas as pessoas que passam por elas. A arte pública modifica a paisagem do lugar onde as obras estão.

Repare na foto abaixo. Trata-se de um painel de azulejos que fica em uma avenida muito movimentada na cidade de São Paulo (SP), chamada Avenida Rubem Berta. Você acha que um muro como esse pode transformar a paisagem de uma cidade? O que acha que essa mudança trouxe para a avenida? Ficou interessante? As figuras pintadas levaram você a pensar sobre a história da cidade?



Clóvis Graciano. *História do desenvolvimento paulista*, 1969. Painel em azulejos na Avenida Rubem Berta, São Paulo (SP).

A arte pública ganhou destaque na década de 1970. Foi quando instituições não governamentais localizadas em países como Estados Unidos e Inglaterra ofereceram apoio e financiamento para viabilizar projetos artísticos em espaços públicos. Assim, diversos artistas criaram obras que interferem na cidade. Com isso, sensibilizam as pessoas para as mais diversas questões, como a preservação de praças, monumentos e construções ou até causas ambientais. Também podem representar um momento histórico ou uma questão social. É o caso do *Monumento aos 80 anos da imigração japonesa*, localizado na Avenida 23 de Maio, na cidade de São Paulo (SP), feito pela artista plástica Tomie Ohtake, uma japonesa que se naturalizou brasileira nos anos 1960. Nessa obra, usando faixas de concreto no canteiro central de uma importante avenida da cidade, a artista executou um trabalho que pode ser comparado às ondas, a movimentos de ida e volta, assim como o deslocamento dos carros nas avenidas ou, ainda, das pessoas ao se mudar de um país para o outro (imigração).



Tomie Ohtake. *Monumento aos 80 anos da imigração japonesa*, 1988. Escultura em concreto armado pintado, 40 m de comprimento. Avenida 23 de Maio, São Paulo (SP).

Na cidade de Ribeirão Preto (SP), o artista plástico Bassano Vaccarini construiu painéis arquitetônicos e esculturas no parque ecológico Maurílio Biagi, entre os anos 1994 e 1997. Nas obras, o artista retratou a memória da cidade, como as lutas de trabalhadores, índios, negros e imigrantes italianos e franceses que contribuíram para a formação do município.



Bassano Vaccarini. Painel em concreto, integrante do conjunto de obras Praça das Artes, 1994-1997. Parque ecológico Maurílio Biagi, Ribeirão Preto (SP).

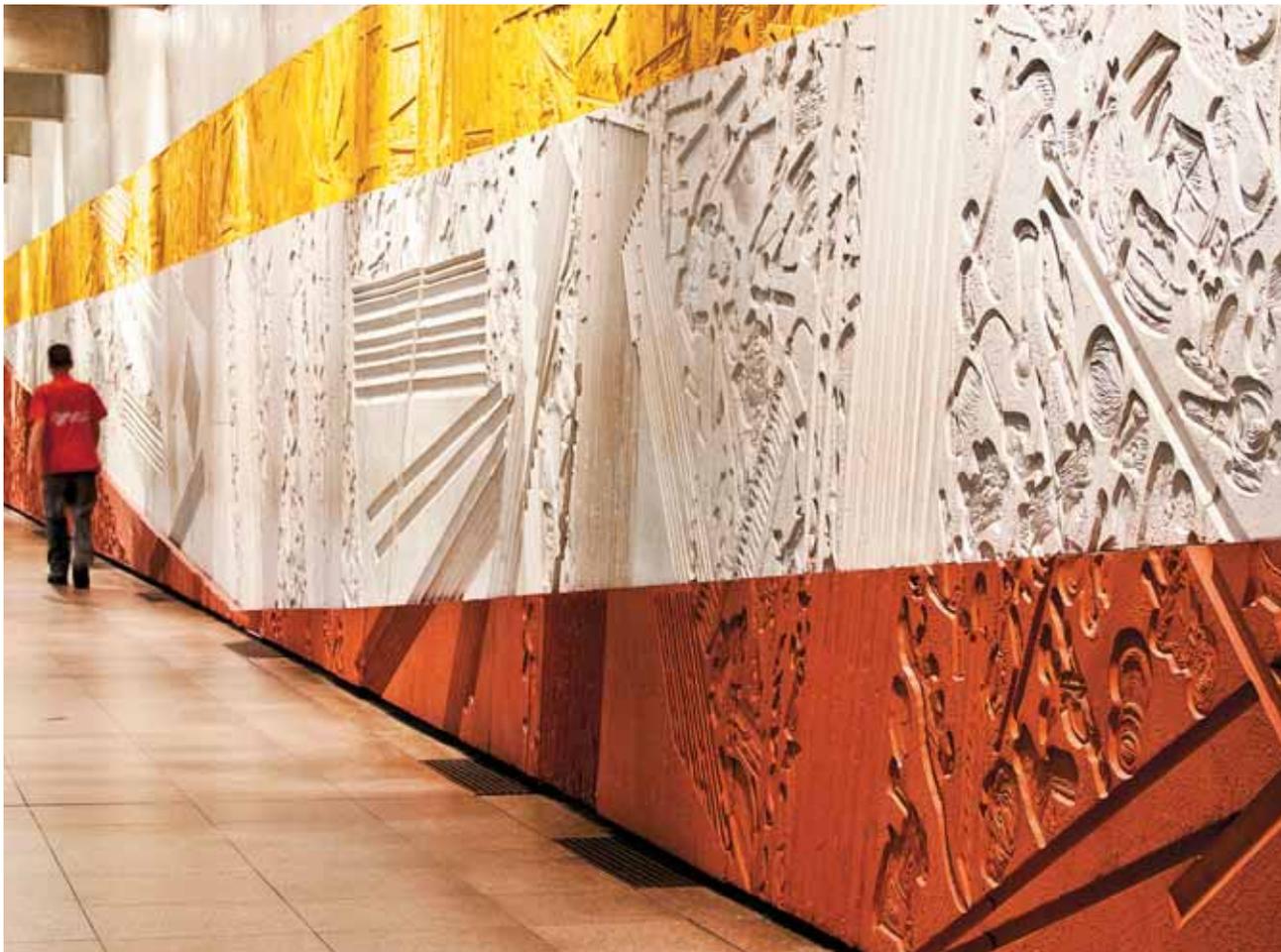
Uma **epopeia** paulista...

O painel *Epopéia paulista*, instalado em um corredor da Estação Luz, uma importante estação de trem e metrô da cidade de São Paulo, foi produzido pela artista plástica Maria Bonomi.

Para compreender essa obra de arte e a proposta da artista, é preciso pensar no local onde o painel está instalado, nas cores usadas e nas imagens gravadas.

Epopéia

É um poema que trata de grandes acontecimentos, de fatos heroicos. No painel *Epopéia paulista*, a palavra é usada em sentido figurado, ou seja, com sentido diferente da definição que aparece nos dicionários, pois a obra não é um poema, mas pode ser interpretada como a representação de um grande acontecimento histórico.



Maria Bonomi. *Epopéia paulista*, 2004. Painel em concreto pigmentado, 300 cm x 7.300 cm. Estação Luz, São Paulo (SP).

O local é a Estação Luz, por onde todos os dias passam centenas de pessoas. Na parte baixa do painel, a cor avermelhada faz lembrar a terra roxa do Sul do País. As marcas no painel foram feitas a partir de 600 objetos (roupas, ferramentas, óculos, instrumentos musicais, brinquedos, entre outros) resgatados da seção Achados e Perdidos na Estação Luz. Esses objetos foram usados como molde pela artista. Com eles, Maria Bonomi construiu as matrizes em uma base de madeira. A artista utilizou colagens e outras técnicas para compor essas matrizes, que depois foram gravadas no concreto. No meio do painel, há uma faixa pintada de branco. Nessa faixa, as marcas formam no painel desenhos que não têm relação direta com objetos reais. Ou seja, são desenhos abstratos. Isso quer dizer que são somente linhas, arcos e formas. A cor branca, nessa obra, significa esperança. Por fim, na faixa amarela, acima de todas as marcas, estão representadas imagens relacionadas à **literatura de cordel**, que por sua vez tem forte relação com o Nordeste brasileiro. A cor amarela, lembrando a terra seca, também está vinculada a essa região do País.

Literatura de cordel

Gênero literário popular, escrito em geral de forma ritmada. Os textos são impressos em folhetos ou livretos.

A criação da *Epopéia paulista*

Para fazer esse painel, Maria Bonomi usou a técnica da **gravura**, uma modalidade das artes visuais que possibilita reproduzir a mesma imagem a partir de uma matriz, que por sua vez se caracteriza por ser uma superfície com relevos altos e baixos.

Para entender melhor a noção de alto e baixo-relevo, pode-se pensar em uma escultura. Quando as figuras se destacam do plano de fundo, tem-se um alto-relevo. Quando as figuras estão abaixo do plano de fundo, denominam-se baixos-relevos.

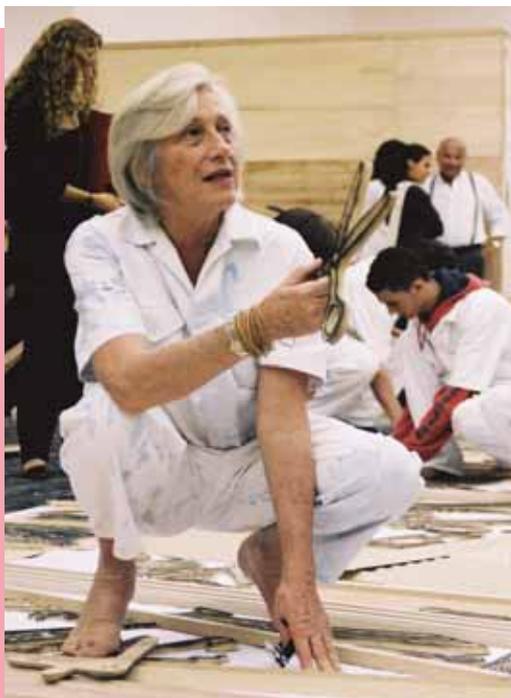
Esses relevos são texturas, que podem ser tocadas e sentidas. Assim, pessoas com deficiência visual, por exemplo, podem “experimentar” a obra, pois não se restringe a uma arte que pode apenas ser vista, ela também pode ser sentida pelo toque.

Para executar a *Epopéia paulista*, a artista montou uma oficina que funcionou de abril a maio de 2004, com cerca de 3 mil participantes e 5 auxiliares. Essas pessoas se tornaram coautores do painel, também chamado pela artista de “obra de mil mãos”, pois essas mãos também estão carregadas de histórias e memórias.



Gravura

Nome genérico dado ao processo de reproduzir imagens a partir de um original que funciona como uma espécie de carimbo. Esse carimbo recebe o nome de *matriz*.



Maria Bonomi na construção de uma das matrizes.



Processo de criação de *Epopéia paulista*.



Acervo Maria Bonomi

Construção da matriz para o painel de *Epopeia paulista*. Oficina no anexo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), São Paulo (SP).

ATIVIDADE 1 *Epopéia paulista*

Nesta atividade, você vai refletir sobre o painel *Epopéia paulista*. Para isso, reveja a primeira imagem do painel, no corredor da estação, e observe seus detalhes nas imagens a seguir.



© Paulo Savala



© Paulo Savala

Maria Bonomi. *Epopéia paulista*, 2004 (detalhes). Painel em concreto pigmentado, 300 cm x 7.300 cm. Estação Luz, São Paulo (SP).



© Paulo Savala

Maria Bonomi. *Epopéia paulista*, 2004 (detalhe). Pannel em concreto pigmentado, 300 cm × 7.300 cm. Estação Luz, São Paulo (SP).

Agora, responda a estas questões:

1 Este painel pode ser chamado de arte pública? Por quê?

2 O painel está dividido em três cores. Para a artista, o que elas representam?





3 Por que a obra recebeu esse nome: *Epopéia paulista*?

4 Por que terá sido colocada em uma estação de metrô de São Paulo?

**MOMENTO
CIDADANIA** 

A arte urbana pública, isto é, a arte que está na cidade, nas praças, em parques e em outros locais de circulação de pessoas, faz os cidadãos pensarem a respeito dos diversos papéis que a cidade tem na vida de cada um. Ela é local de trabalho, de moradia e de passagem, mas também é local de lazer, de cultura e de contemplação.

A vida na cidade transforma a maneira de ser e de viver, a partir da convivência diária com outras pessoas e lugares. Contemplar a cidade, observar sua arquitetura, sua arte e seus moradores é aprender sobre a cidade, é mudar a maneira de olhar para ela.

Pensando nisso, muitos urbanistas (especialistas que planejam as cidades) utilizam um conceito chamado *direito à cidade*. Ou seja, é o direito de acesso a cultura e lazer que a cidade deve oferecer a todos os cidadãos. Segundo esses urbanistas, não basta apenas oferecer moradia às pessoas, é necessário também oferecer espaços públicos para o lazer, como parques, museus e praças.

Há espaços públicos para o lazer em sua cidade?



HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - *Epopéia paulista*

1 Sim, pois este painel se encontra em uma estação do metrô, que é um espaço público, e pode ser visto por qualquer pessoa. O conceito de *arte pública* refere-se a obras de arte expostas fora dos espaços tradicionalmente dedicados a elas, como museus e galerias.

2 Para a artista, essas três cores representam aspectos específicos. Na parte baixa, a faixa avermelhada simboliza as terras roxas do Sul, em que estão gravados cerca de 600 objetos recolhidos da seção Achados e Perdidos na Estação Luz.

Esses elementos narram as “memórias perdidas” de uma série de pessoas que esqueceram ou abandonaram objetos estimados: roupas, ferramentas, óculos, instrumentos musicais, brinquedos, entre outros.

No meio há uma faixa branca, que significa esperança e na qual a artista realizou gravações abstratas, ou seja, desenhos que não se prendem à representação da realidade concreta.

No alto, por fim, há a faixa amarela, que faz lembrar a terra seca do Nordeste, com imagens da literatura de cordel.

3 Voltando ao glossário apresentado no início do texto *Uma epopeia paulista...*, pode-se dizer que *epopeia* tem nessa obra um sentido figurado. O título valoriza as pessoas que vieram para a cidade de São Paulo e ajudaram a construí-la. Um verdadeiro ato heroico desses homens e mulheres. *Epopéia paulista* deseja resgatar as memórias das pessoas que foram recebidas em São Paulo ao longo de muitas décadas. É a memória da cidade representada pela memória das pessoas que chegaram e continuam chegando à Estação Luz. No painel a artista representa a passagem das pessoas a partir de objetos que, ao longo dos anos, foram esquecidos ou perdidos em diversos pontos da estação.

4 A obra está exposta na Estação Luz, na cidade de São Paulo, local de grande movimento e no qual transitam pessoas de todas as partes da cidade, do País e até de outros países. Portanto, o local foi escolhido provavelmente em homenagem a essas pessoas.



Registro de dúvidas e comentários



Lined writing area consisting of 25 horizontal lines.



Neste Tema, você vai estudar algumas técnicas de gravura. Também conhecerá melhor artistas que se valem dessa modalidade das artes visuais para se expressarem artisticamente.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Quando é preciso fazer cópias de algum material, busca-se uma máquina fotocopadora. Mas como esse tipo de reprodução era feito antes da invenção dessas máquinas? E como reproduzir textos e imagens em outros materiais que sejam diferentes do papel?

Veja um exemplo: em uma escola de dança, as alunas se reuniram para comemorar os vinte anos dessa escola. Resolveram fazer camisetas iguais. Para isso, fizeram uma **matriz** com uma imagem que representava a história da escola e enviaram essa matriz para um ateliê de serigrafia (também conhecida como *silkscreen*), que fez a impressão. Essa é uma das técnicas para reproduzir uma mesma imagem várias vezes. No caso das meninas, foram várias camisetas. Você conhece essa técnica? Conhece alguma outra técnica de reprodução de imagens?

Matriz

Palavra que pode ter muitos significados. Neste texto, pode-se entendê-la como o suporte ou a superfície em que fica marcada a imagem que será reproduzida. É a partir dela que todas as cópias serão feitas.

Técnicas de gravura

Como você pôde ver no Tema 1 desta Unidade, a artista Maria Bonomi utiliza a técnica da gravura em sua obra de arte *Epopéia paulista*.

A gravura é uma forma de criar uma imagem e repeti-la diversas vezes. Portanto, é um jeito de produzir várias cópias de uma mesma imagem.

Uma das características da gravura é que muitas delas contêm texturas. Nesse caso, a matriz tem uma textura tátil (que você pode tocar com as mãos), e as reproduções têm texturas visuais (que você enxerga). A textura pode ser apreciada pelo tato e/ou pela visão e, na linguagem visual, pode ser trabalhada de diversas maneiras. No Volume 1, você experimentou texturas feitas com *frotagem*. Caso não tenha estudado esse Volume, você pode consultá-lo e fazer a experimentação proposta na Unidade 1, Tema 2, para aprofundar seus estudos.

Agora você vai conhecer algumas técnicas de gravura.

A xilogravura

Na história ocidental, a primeira forma de reproduzir uma imagem foi a xilogravura, que também era conhecida há muito tempo pelos povos orientais. A palavra *xilo* significa *madeira*, em grego.

Trata-se da produção de um desenho em relevo, em uma chapa de madeira, com ferramentas especiais (goivas, buris ou facas).



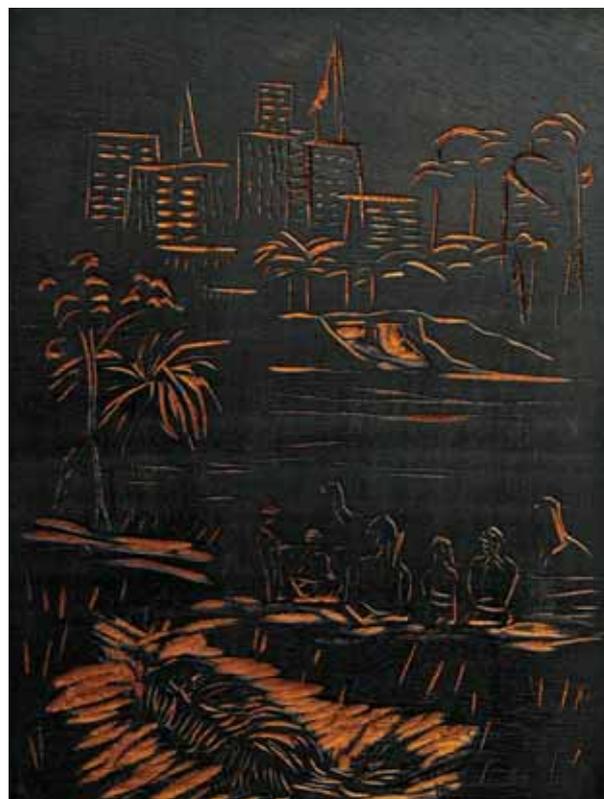
Goivas.



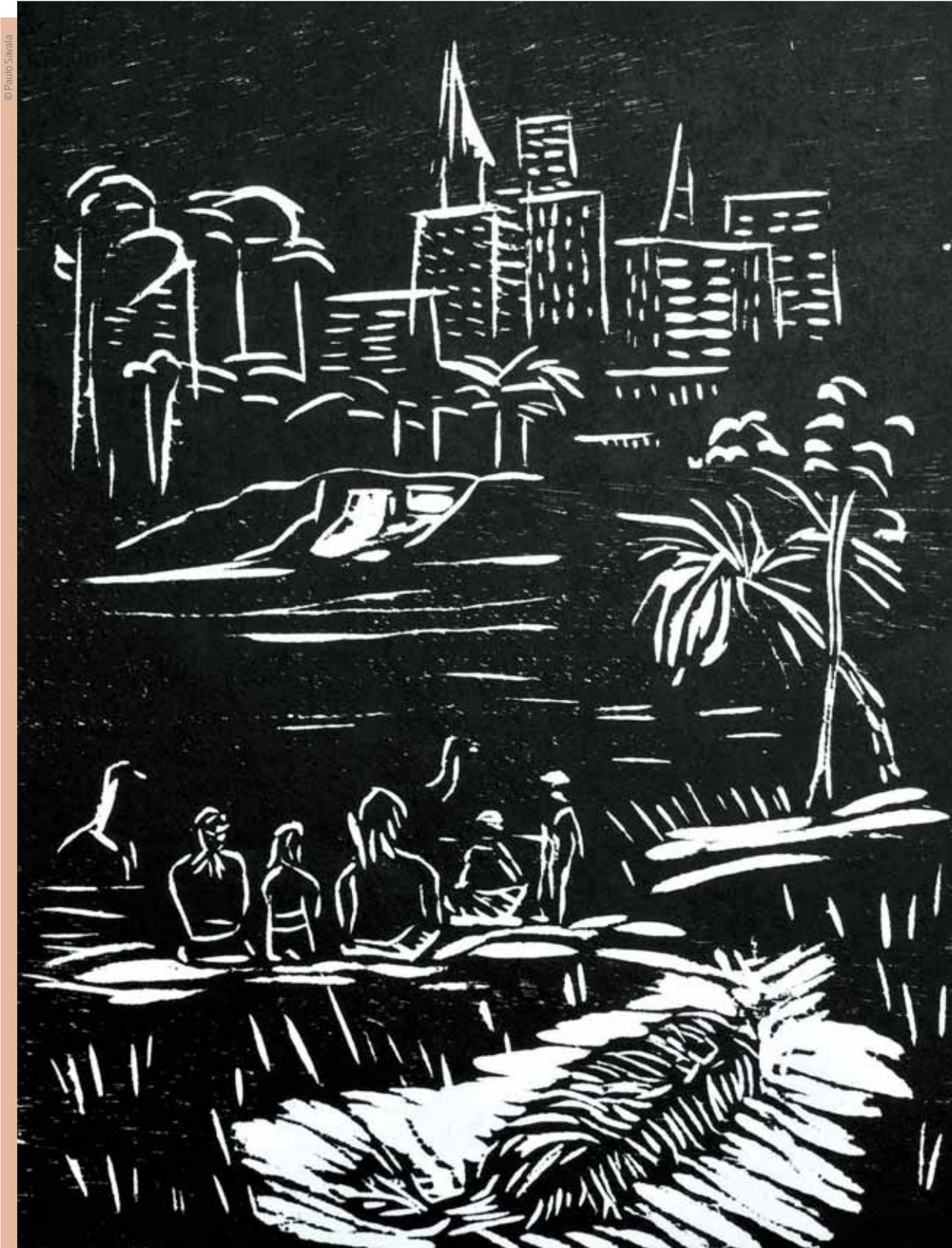
Buris.

Com essas ferramentas, o artista retira porções da superfície, formando sulcos (buracos) na chapa de madeira, que se torna a matriz da xilogravura. As partes escavadas corresponderão às partes brancas da imagem, pois, quando o artista passa o rolo com a tinta sobre a matriz, apenas as partes em relevo, ou seja, que não foram escavadas, absorvem a tinta. Como se fosse um carimbo.

Depois, a matriz é pressionada sobre papel ou alguma outra superfície na qual o artista deseja reproduzir a imagem, que sairá invertida na reprodução. É possível fazer quantas reproduções a pessoa desejar. Basta repetir a operação sobre papéis ou outras superfícies que sejam adequadas ao procedimento.



Ruth Tarasantchi. *Ibirapuera*, 2010. Matriz para xilogravura, 20 cm x 15 cm. Coleção particular.



© Paulo Savalla

Ruth Tarasantchi. *Ibirapuera*, 2010. Xilogravura, 20 cm x 15 cm. Coleção particular.

Note que a imagem da matriz (ver página anterior) fica invertida na xilogravura (acima).



As informações não são precisas, mas pressupõe-se que a xilogravura (gravura em madeira) se originou na China, por volta do século VI. No Ocidente, essa técnica surgiu na Idade Média, quando era usada para estampar cartas de baralho e imagens sagradas ou para imprimir livros. Naquela época, a xilogravura era apenas uma técnica de reprodução, só mais tarde passou a ser reconhecida como manifestação artística e alguns exemplares dela como obras de arte.

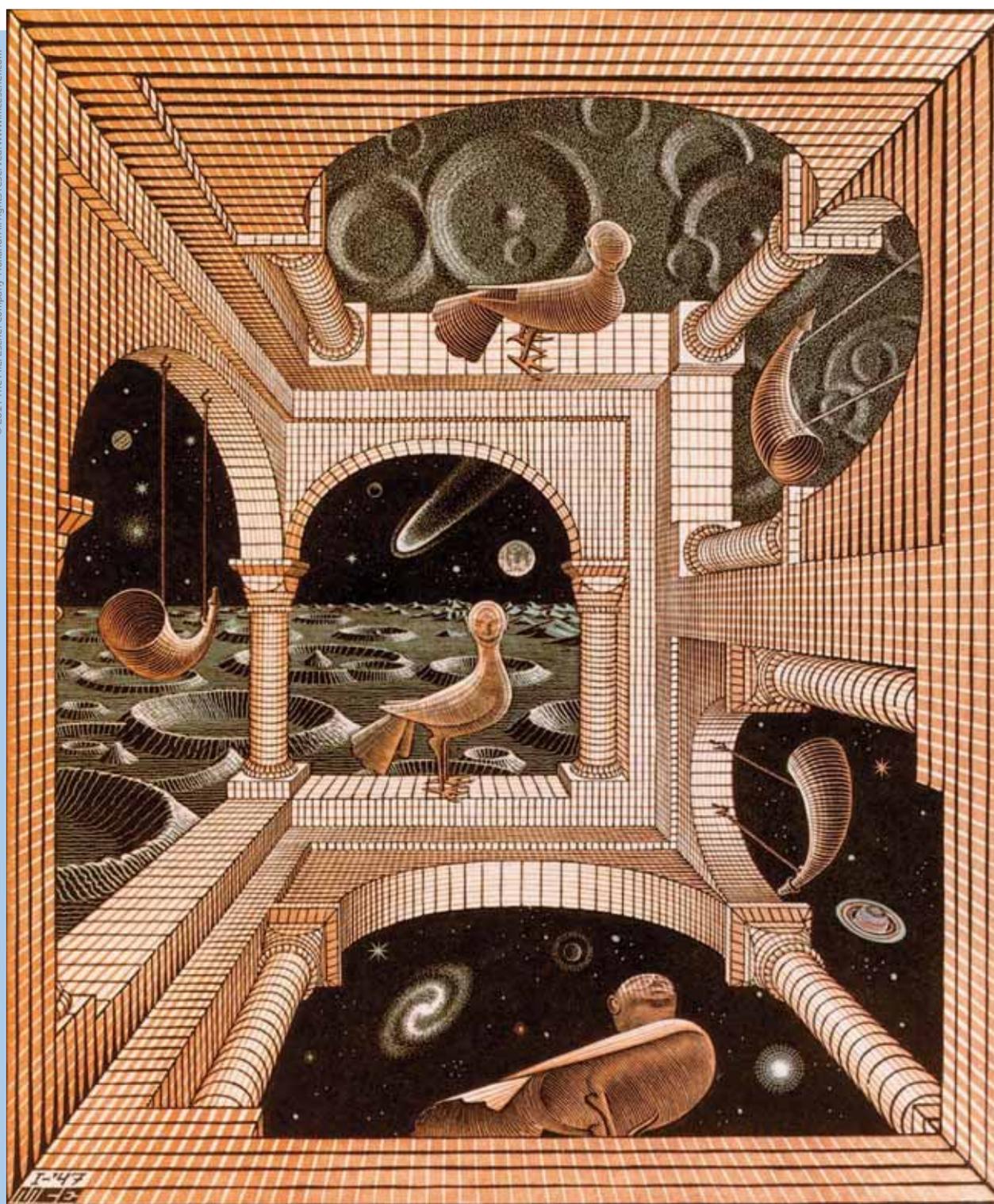
Com a invenção de outros recursos de impressão em chapas de metal, a xilogravura foi perdendo sua importância na reprodução de textos, apresentando-se cada vez mais como uma forma de arte. O artista alemão Albrecht Dürer (1471-1528) foi um dos primeiros a adotar essa técnica para produzir uma obra de arte.



VOCÊ SABIA?

Uma das mais famosas xilogravuras de Albrecht Dürer é *Os quatro cavaleiros do apocalipse*. A obra foi produzida em 1498, e os cavaleiros representam, respectivamente, a guerra, a fome, a peste e a morte, que destruíam a região da Alemanha na época.

Albrecht Dürer.
Os quatro cavaleiros do apocalipse,
1498. Xilogravura, 39 cm x 28 cm.
Coleção particular.



M. C. Escher. *Outro mundo*, 1947. Xilogravura colorida, 31,8 cm × 26 cm. Museu Escher, Haia, Holanda.



VOCÊ SABIA?

Para fazer uma xilogravura colorida, o artista precisa produzir uma matriz diferente para cada cor. O processo de impressão é bastante delicado e preciso, pois é necessário colocar a matriz com a cor escolhida exatamente no local planejado para ela. Na impressão colorida, cada matriz, com sua cor, vai se sobrepondo à outra.

Litogravura: a arte em pedra

Outro processo de impressão é a litogravura (*lito* vem do grego, que significa *pedra*). Essa técnica utiliza a **pedra calcária** como matriz. É preciso lixar e limpar a pedra até deixá-la lisa e sem resíduos.

Depois, o artista faz na pedra um desenho com um lápis especial à base de gordura, também conhecido como *crayon*. Em seguida, umedece a pedra e aplica tinta sobre ela.

Como a litogravura segue o princípio químico de que água e óleo não se misturam, a tinta só vai se fixar sobre a imagem desenhada. Ao final, o artista coloca o papel sobre essa base entintada e imprime a imagem usando uma prensa, que pode ser qualquer material empregado para fazer pressão sobre o papel em que a imagem será reproduzida.

Pedra calcária

Com origem no latim *calcarius*, significa “pedra que contém cal”. É bastante empregada como matriz para litogravura e também na construção civil, na fabricação de pisos e azulejos, entre outros produtos.

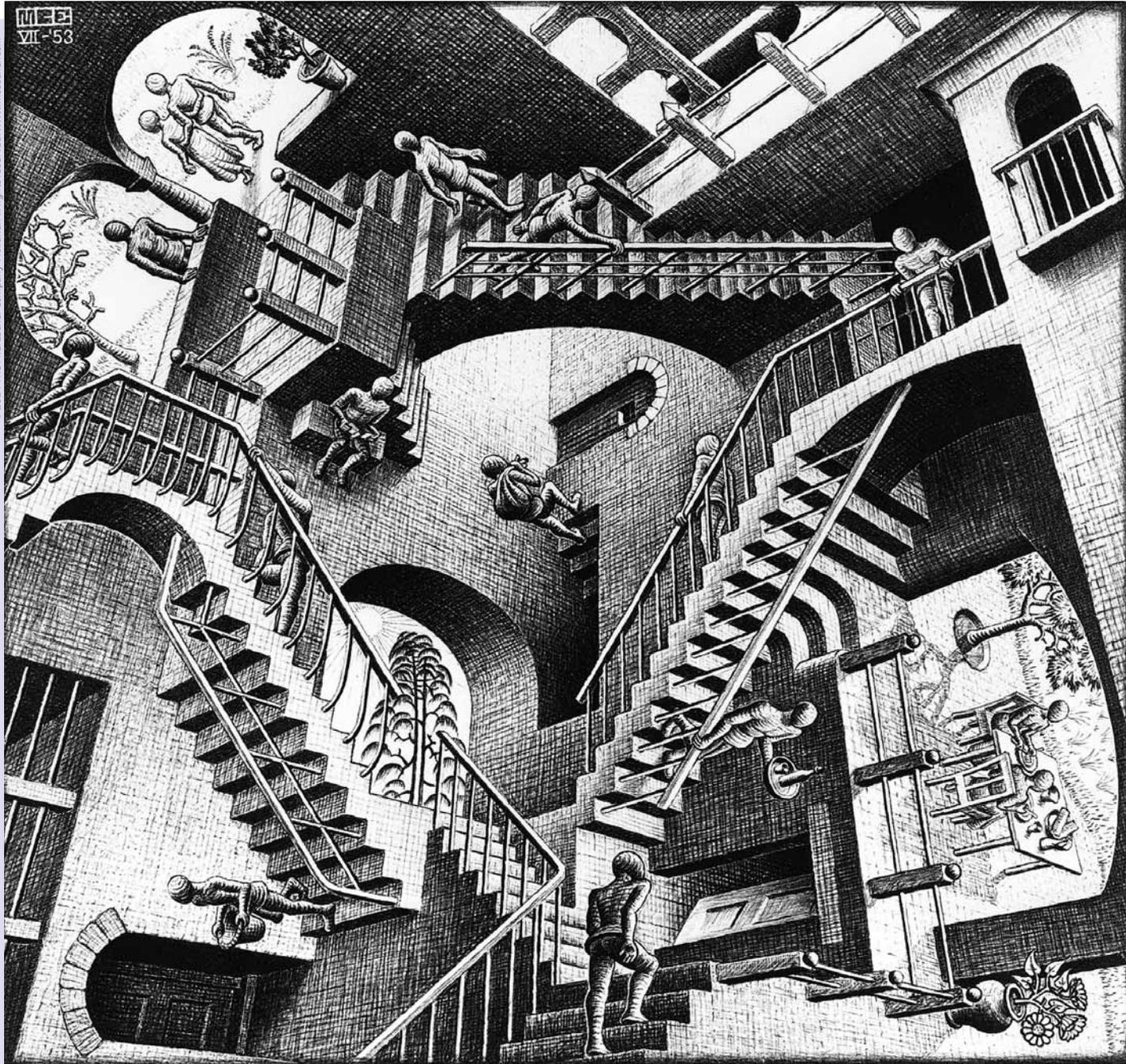


© Paulo Savala



© Paulo Savala

Newton Mesquita. *Sem título*, anos 1980. Litogravura. Coleção particular. (acima, matriz)



M. C. Escher. *Relatividade*, 1953. Litogravura, 27,7 cm x 29,2 cm. Museu Escher, Haia, Holanda.

Gravura em metal ou calcogravura

Esta técnica utiliza como matriz chapa de cobre ou outro metal. A gravação pode ser feita diretamente na placa, com ferramentas como o buril e a ponta-seca, instrumentos muito parecidos com agulhas e que servem para riscar a chapa de metal e produzir sulcos. Também são usados alguns ácidos que corroem esse metal, para dar alguns efeitos diferentes da ponta-seca ou do buril. Quando a matriz é entintada, esses sulcos retêm a tinta, que será transferida para o papel, também com o uso de uma prensa. Geralmente, os artistas usam essa técnica de gravura para produzir desenhos detalhados, com linhas finas e texturas variadas. Um exemplo do cotidiano são as cédulas de dinheiro. Se você observar com uma lupa ou lente de aumento, pode notar os sulcos que compõem os desenhos das cédulas.



© Paulo Savala



© Paulo Savala

Ruth Tarasantchi. *Praia de Fortaleza*,
2007. Calcogravura, 15 cm x 11 cm.
Coleção particular. (acima, matriz)

Aldemir Martins, um gravurista brasileiro

Veja a seguir algumas obras do artista brasileiro Aldemir Martins que representam galos: uma xilogravura, uma litogravura e a reprodução de um desenho realizado por meio do *giclée*. O *giclée* é uma técnica de impressão digital, em que a obra de arte é digitalizada no computador em alta resolução para então ser impressa em alta qualidade.



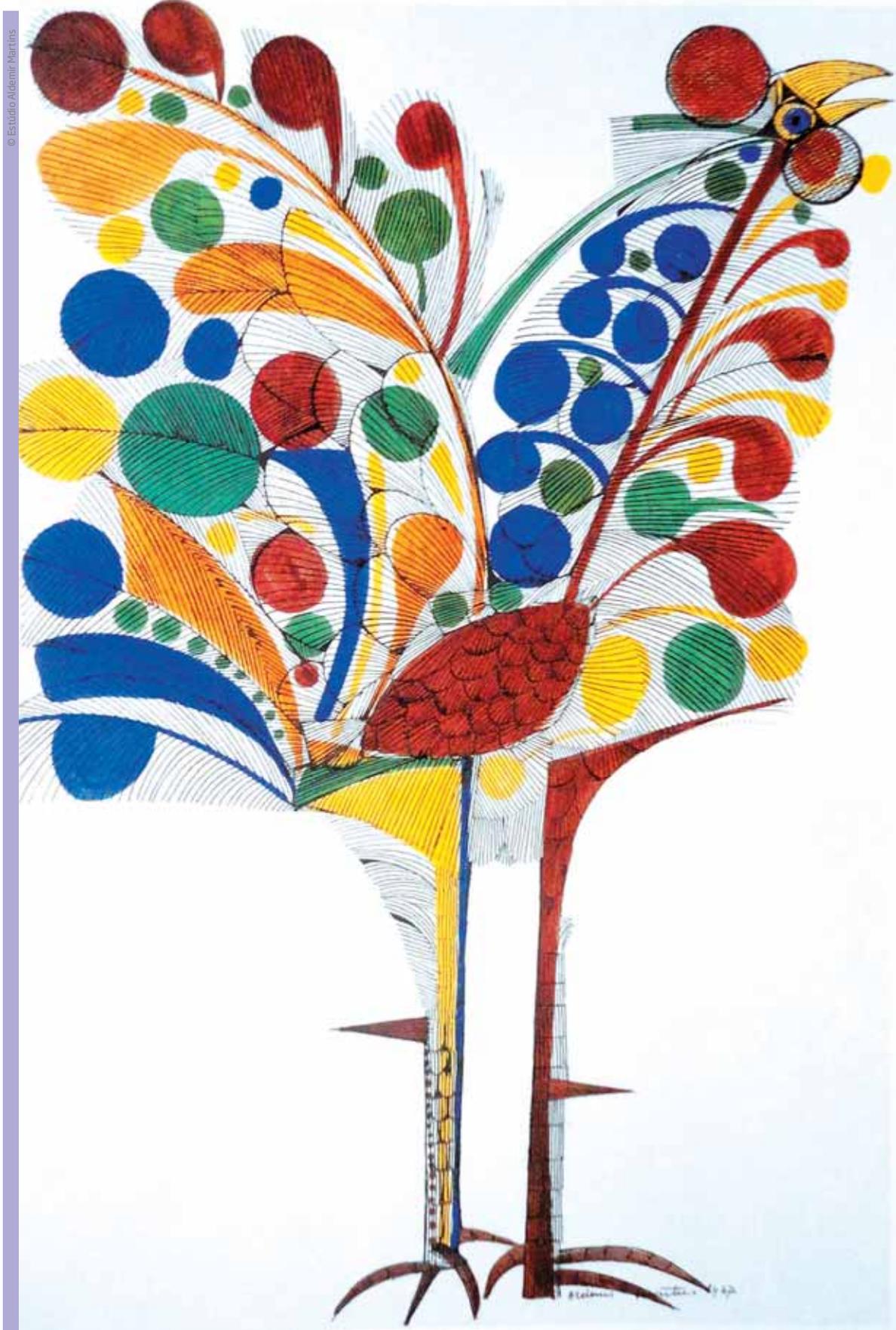
© Estúdio Aldemir Martins

Aldemir Martins. *Galo*,
s/d. Xilogravura,
59 cm × 44 cm.



© Estúdio Aldemir Martins

Aldemir Martins.
Galo, s/d. Litogravura,
40 cm × 30 cm.



Aldemir Martins. *Galo*, s/d. Giclée, 55 cm x 37 cm.





ATIVIDADE 1 Experimentando texturas

1 Reveja, nas páginas anteriores, as diferentes gravuras. Observe que é possível desenhar texturas usando pontos, linhas retas, curvas sinuosas ou quebradas. Você pode usar o espaço a seguir para fazer seus esboços dessas texturas.

2 Agora tente fazer uma experiência simples de gravação com texturas utilizando um pedaço de sabão e um estilete, palito de dentes ou qualquer objeto pontiagudo. Mas cuidado para não se machucar!

Com o palito, desenhe no sabão fazendo sulcos, ou simplesmente fazendo pontos, linhas retas, curvas, buracos, enfim, o que sua imaginação sugerir. A seguir, feche os olhos e passe sua mão sobre a superfície desenhada. É possível perceber o desenho?

Por último, passe guache sobre a superfície desenhada e carimbe em um papel.

Essa mesma experiência pode ser feita com outros materiais. Por exemplo, pode-se substituir o sabão por uma batata ou algum outro vegetal com consistência semelhante.

A produção das texturas será mais difícil, no entanto o registro fica com uma qualidade melhor.

3 Você saberia dizer a diferença entre textura tátil e textura visual?



Veja a seguir como produzir gravuras com materiais diferentes, cujo procedimento é parecido com os vistos até agora.

Gravura

Materiais necessários

- Suporte da matriz (placa de papelão, bandeja de isopor ou embalagem longa-vida).
- Objeto pontiagudo que seja adequado ao suporte (palito de churrasco ou de dente, prego, agulha ou tampa de caneta).
- Tinta guache (na cor de sua preferência).
- Rolinho de pintor.
- Folhas de papel sulfite ou similar.
- Régua ou colher.

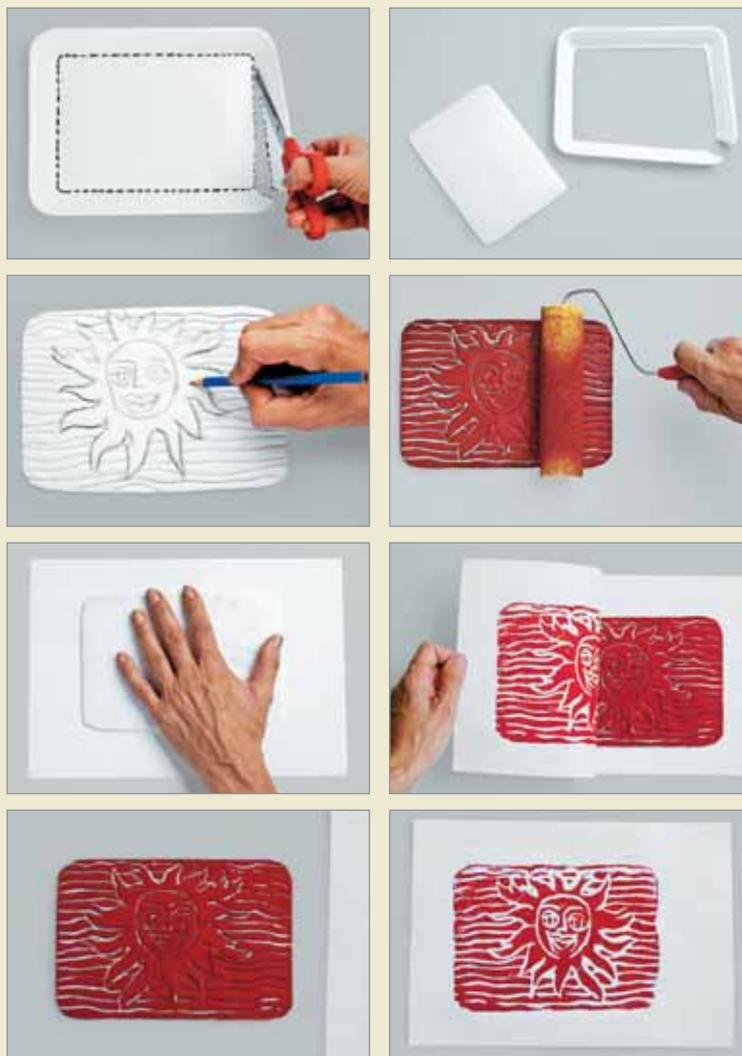
Procedimentos

- Defina qual material será o suporte da matriz. Prepare a placa, aparando as arestas.
- Escolha algum objeto pontiagudo para fazer os sulcos na matriz. Com ele, crie um desenho no suporte escolhido. Essa será sua matriz.
- Use um rolinho de pintor para passar tinta guache. Depois, tire o excesso de tinta com uma folha de papel para não entupir os sulcos. Assegure-se de que a tinta se espalhou de modo uniforme.
- Coloque uma folha de papel sobre a matriz e pressione-a com a mão, uma régua ou uma colher. Dessa forma você obterá uma cópia.
- Você pode fazer diversas cópias. Após imprimir cada gravura, assine, coloque a data e o número de série.



VOCÊ SABIA?

Os artistas geralmente seguem uma regra para assinar suas gravuras. A assinatura é feita sempre com lápis, no canto inferior direito. No canto esquerdo, eles colocam o número de série da tiragem (se forem 100 gravuras, a primeira recebe a marca $\frac{1}{100}$, a segunda $\frac{2}{100}$, e assim por diante).



Fotos: © Paulo Savalla

Nas palavras de José Francisco Borges, mais conhecido como J. Borges, um dos mestres da literatura de cordel e xilogravurista brasileiro:

Quero cada vez mais escrever e gravar a minha região para o mundo. Não quero mostrar as coisas de fora.

Disponível em: <http://artedobrasil.com.br/jose_francisco.html>. Acesso em: 16 maio 2014.



Língua Portuguesa – Volume 2

Ofício de escritor 1

Este vídeo mostra o trabalho do cordelista Moreira de Acopiara. Você pode acompanhar seu processo de criação, desde o primeiro esboço da narrativa, passando pela revisão do texto, até sua versão final. O vídeo revela toda a graça e o ritmo do cordel, que encanta tanta gente.

ATIVIDADE 2 O forró dos bichos

Nesta atividade, você vai conhecer uma xilogravura do cordelista J. Borges. Depois vai refletir um pouco sobre ela.

Observe a xilogravura abaixo.



J. Borges. *O forró dos bichos*, 2003. Xilogravura, 35 cm × 53 cm.

Agora, responda às seguintes questões:

1 Qual poderia ser a história do cordel que apresenta essa xilogravura? Justifique.

2 Como o artista produziu a matriz para que, na impressão da gravura, aparecessem linhas e formas em branco?

3 O artista criou texturas visuais? Quais? Onde?

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - Experimentando texturas

1 2 Criação livre. Se tiver oportunidade, apresente seus esboços e produções para o professor.

3 A textura tátil foi percebida pelo tato, quando as mãos tocaram a superfície com sulcos e ranhuras. A textura visual apareceu na gravura quando foi impressa a imagem cavada no sabão; e depois foi percebida pelo sentido da visão.

Atividade 2 - O forró dos bichos

1 A xilogravura de J. Borges se refere a um forró de bichos. Os bichos são retratados quase como humanos, ficam nos dois pés, tocam e dançam. Com base nesses personagens, você pode imaginar uma história e contá-la para alguém.

2 As partes brancas da xilogravura são os sulcos da matriz, onde a tinta não chega, por isso a impressão fica em branco nesses locais.

3 Sim, o artista criou texturas visuais. Por exemplo, em alguns animais malhados pode-se perceber a intenção do artista em representar a pele deles. A sanfona também possui texturas na parte chamada de fole, quando está aberta, ou seja, em movimento para emitir o som.

ARTISTAS EUROPEUS: AS MARCAS NA CULTURA BRASILEIRA

TEMAS

1. Ideias inspiradoras: contribuições estrangeiras para a arte e a cultura do Brasil
2. Outras influências estrangeiras na arte brasileira

Introdução

A vinda de estrangeiros para o Brasil é parte importante da história do País. Diversas pessoas deixaram sua terra natal e escolheram o Brasil para viver. Trouxeram na bagagem diferentes conhecimentos, costumes e ideias, além de formas e maneiras de fazer arte.

Nesta Unidade, você vai conhecer algumas influências culturais europeias que contribuíram para a formação da arte brasileira, além de estudar algumas das produções artísticas europeias.

Ideias inspiradoras: contribuições estrangeiras
para a arte e a cultura do Brasil

TEMA 1

O objetivo deste Tema é apresentar alguns artistas **imigrantes** que trouxeram para o Brasil diversas influências inspiradoras, especialmente o movimento conhecido como expressionismo e ideias que contribuíram para a realização da Semana de Arte Moderna de 1922.

Imigrante e emigrante

Ao deixar seu país de origem para viver em outro país, uma pessoa é **emigrante** de sua terra natal. E, ao chegar na terra estrangeira, passa a ser chamada de **imigrante**.

Por exemplo: um italiano que se ausenta da Itália por um tempo para trabalhar no Brasil é considerado **imigrante** no Brasil, mas na Itália ele será um **emigrante**. Em outras palavras, quem sai é emigrante, e quem chega é imigrante.

O QUE VOCÊ JÁ SABE?

A vinda de estrangeiros para o Brasil, principalmente a partir de 1850 e início do século XX, trouxe para o País uma grande diversidade de culturas de outras partes do mundo. Essa imigração foi, em grande parte, motivada pela busca de uma vida melhor. Com ela vieram também novas línguas, costumes e conhecimentos que foram incorporados à cultura brasileira.

Na sua família ou entre seus amigos, há pessoas que vieram de outros países? De onde vieram? Há quanto tempo? Você conhece algum costume que eles trouxeram para o Brasil? Alguma comida típica, festa ou dança que costumam fazer ou apresentar aos amigos e parentes?

Lasar Segall e a condição do emigrante

Lasar Segall (1891-1957) veio da Lituânia e foi um artista bastante influente na arte brasileira, por trazer algumas ideias e técnicas que aprendeu em academias de artes na Europa.

Lasar Segall



Nasceu em Vilna (Lituânia), em 1891. Foi pintor, gravador, escultor e desenhista. De família judaica, começou os estudos em Vilna, em 1905. Em 1912, veio ao Brasil para expor suas obras em São Paulo e em Campinas (SP). Em 1923, voltou ao Brasil, onde fixou residência em São Paulo. Na capital paulista, Lasar Segall foi destaque no cenário da arte moderna, considerado um representante das vanguardas europeias, como o expressionismo ou o cubismo. Morreu em 1957, em São Paulo.

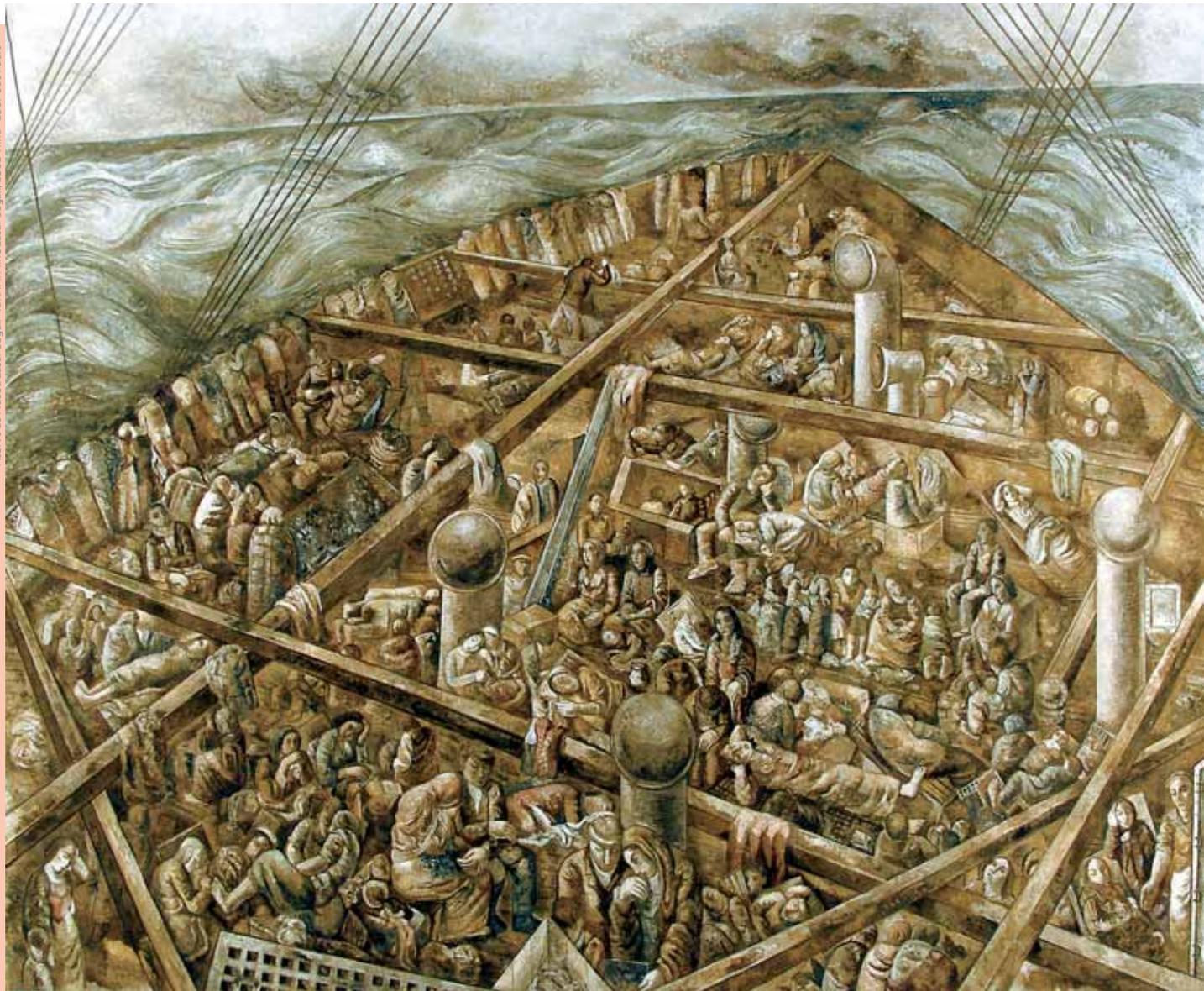
Dez anos após sua morte, em 1967, a casa onde morava na capital paulista, no bairro Vila Mariana, foi transformada no Museu Lasar Segall.

BIOGRAFIA

© Arquivo Fotográfico Lasar Segall - Museu Lasar Segall/IBRAM/MinC

Uma das temáticas trabalhadas por Segall é a dos emigrantes. A obra *Navio de emigrantes* foi feita entre os anos de 1939-1941 – período em que começa a 2ª Guerra Mundial. Ela retrata um convés de navio, com inúmeros viajantes acomodados em más condições. Essa foi a realidade de muitas pessoas que fugiram da Europa, que estava em guerra, e vieram para o Brasil. Nesse processo, viajantes de diferentes nacionalidades chegaram a terras brasileiras.

As viagens demoravam meses e as condições dos navios eram precárias, com falta de higiene e lotação, o que favorecia a disseminação de muitas doenças. Em *Navio de emigrantes*, Segall buscou retratar essas condições em uma pintura de grandes dimensões, que tem mais de 2 metros de comprimento e de altura.



Lasar Segall. *Navio de emigrantes*, 1939-1941. Óleo com areia sobre tela, 230 cm x 275 cm. Museu Lasar Segall, São Paulo (SP).

FICA A DICA!

Esta obra se encontra no Museu Lasar Segall, localizado na cidade de São Paulo, na Rua Berta, nº 111, Vila Mariana. Nesse museu também são oferecidas, gratuitamente, atividades artísticas para a família. Para mais informações, você pode entrar no site do museu, <<http://www.museusegall.org.br>> (acesso em: 16 maio 2014), ou visitar o museu pessoalmente.

Lasar Segall participou do movimento artístico chamado expressionismo. A obra *Navio de emigrantes* tem características expressionistas, especialmente por conta das cores e formas, que expressam os sentimentos do artista, e não a realidade observada. Volte na página anterior e observe como o artista pintou o mar, por exemplo.

Lasar Segall: a deformação expressiva e o expressionismo

As obras de Lasar Segall e de outros artistas brasileiros, como Anita Malfatti, foram influenciadas pelo movimento expressionista, que surgiu na Alemanha.

Nesse movimento, os artistas não estavam mais interessados na busca da representação fiel da natureza, e sim na expressão de sensações e sentimentos humanos, como violência, paixão, dor e medo.

Observe as duas imagens a seguir e atente para as diferenças entre elas.



José Ferraz de Almeida Júnior. *Moça com livro*, s/d. Óleo sobre tela, 50 cm x 61 cm. Museu de Arte de São Paulo (Masp), São Paulo (SP).

Esta pintura de Almeida Júnior é marcada pelo retrato fiel da realidade, conhecida também como neoclássica ou pintura acadêmica.



Ernst Ludwig Kirchner. *Menina sentada*, 1910. Óleo sobre tela, 80,6 cm × 91,1 cm. Instituto de Artes de Mineápolis, Estados Unidos.

Já esta pintura expressionista, *Menina sentada*, é marcada pelo uso subjetivo e emocional das cores e formas.

Desde o início do século XIX, o mundo das artes no Brasil foi bastante influenciado pela arte europeia aprendida nas escolas de arte, as academias. Os artistas desenhavam e pintavam com base na observação de modelos vivos, conheciam noções de anatomia e, muitas vezes, recriavam a realidade na busca de um ideal de beleza. Exigia-se muito rigor formal e técnica apurada.

Com tantas exigências a serem cumpridas, alguns artistas passaram a discutir e a defender uma produção mais livre, que se aproximasse mais da expressão dos sentimentos sem necessidade de seguir tantas regras para que suas obras fossem reconhecidas como arte.

Como forma de se libertar dessas regras, os pintores começaram a fazer suas obras de maneira mais livre, ou seja, não pintavam somente um retrato exato de pessoas, de objetos e da natureza, mas pretendiam expressar também o que sentiam a respeito do que viam: alegria, medo, solidão, amor, melancolia... Para isso, usavam diferentes tipos de pinceladas e espátulas, e as cores e formas não tinham mais correspondência com a realidade. O que valia era a expressão da ideia, do sentimento.



ASSISTA!

Arte – Volume 2

Primeiros retratos do Brasil

O vídeo faz um percurso histórico sobre a arte acadêmica no Brasil. Em uma visita pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, localizada na cidade de São Paulo, você terá a oportunidade de ver as principais obras de arte que retrataram o Brasil, desde a chegada dos portugueses até a formação da primeira escola de belas-artes, no início do século XIX, em 1816. Estas obras foram produzidas, inicialmente, por estrangeiros, e estes formaram seus discípulos. Neste vídeo, você poderá notar os traços dos artistas e a fidelidade com o objeto que foi retratado.

Vincent van Gogh, um dos precursores do expressionismo, teria dito:

Quero pintar o retrato das pessoas como eu as sinto e não como eu as vejo.

Fonte: Coleção Folha Grandes Mestres da Pintura. Disponível em: <http://mestres.folha.com.br/pintores/01/contexto_historico.html>. Acesso em: 16 maio 2014.

Por esse motivo, em obras expressionistas, é comum haver figuras **distorcidas**, construídas com linhas marcadas por traços **angulosos**, fortes, desproporcionais e exagerados. As cores são intensas e apresentam muito contraste. Na deformação expressiva, ou seja, na deformação encontrada nas obras expressionistas, pode-se notar que a forma também provoca sensações, como incômodo e estranhamento.

A deformação expressiva pode ser interpretada por alguns como “defeito”, como um “não saber fazer”, “não saber pintar”. Compreender essa deformação da imagem é importante para entender melhor o expressionismo, porque arte não é apenas uma cópia fiel das formas encontradas na natureza.

A deformação expressiva não aparece só no expressionismo, mas também nas caricaturas, ilustração na qual as características físicas e gestuais de uma pessoa são exageradas.



Glossário

Distorção

Alteração, modificação nas formas ou nas características estruturais.

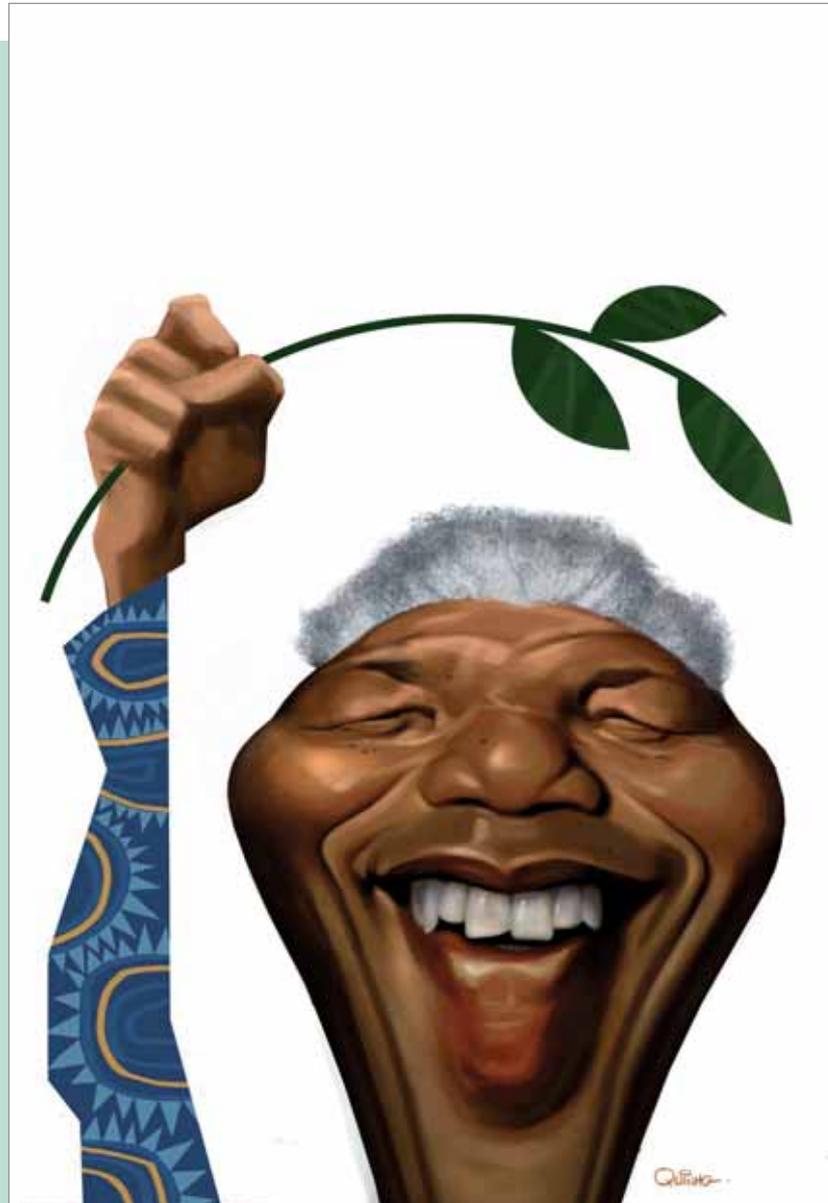
Anguloso

Com saliência pontiaguda; que tem ângulos.

Veja a seguir a caricatura e a foto de Nelson Mandela, um ativista político sul-africano que lutou contra o *Apartheid*, um regime que segregou os habitantes negros da África do Sul. Observe que as características destacadas pela caricatura foram os olhos pequenos, as bochechas grandes e o sorriso bondoso.



© Stéphane Ruet/Sigma/Corbis/Latinstock



© Quimbo/EM/D.A. Press

Caricatura de Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul. Acima, fotografia de Nelson Mandela.



VOCÊ SABIA?

Políticos e celebridades são as figuras preferidas para os caricaturistas retratarem. Os artistas exageram nos detalhes físicos da pessoa, além de chamar atenção para seus gestos, hábitos e demais marcas pessoais.

ATIVIDADE 1 O trabalho expressionista de alguns artistas

Nesta atividade, você vai conhecer algumas obras expressionistas e observar suas características. A primeira é do artista holandês Van Gogh, a segunda é da artista brasileira Anita Malfatti e a terceira, do norueguês Edvard Munch.



Vincent van Gogh. *Noite estrelada*, 1889. Óleo sobre tela, 73,7 cm × 92,1 cm. Museu de Arte Moderna, Nova Iorque, Estados Unidos.

Vincent van Gogh

BIOGRAFIA

Nasceu em 1853, em uma aldeia na Holanda. Aos 16 anos, começou a trabalhar como empacotador em uma galeria de arte, onde teve seu contato inicial com a arte. Seguindo os conselhos de seu irmão, Theo, Van Gogh começou a se dedicar à pintura. Em 1881, o artista teve aulas de pintura com seu primo e em 1886 viajou para Paris, onde conheceu outros movimentos artísticos, como o impressionismo. Essa experiência o ajudou a amadurecer suas técnicas de pintura. O artista morreu em 1890.



Anita Malfatti. *A boba*, 1915-1916. Óleo sobre tela, 61 cm × 50,6 cm.
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), São Paulo (SP).

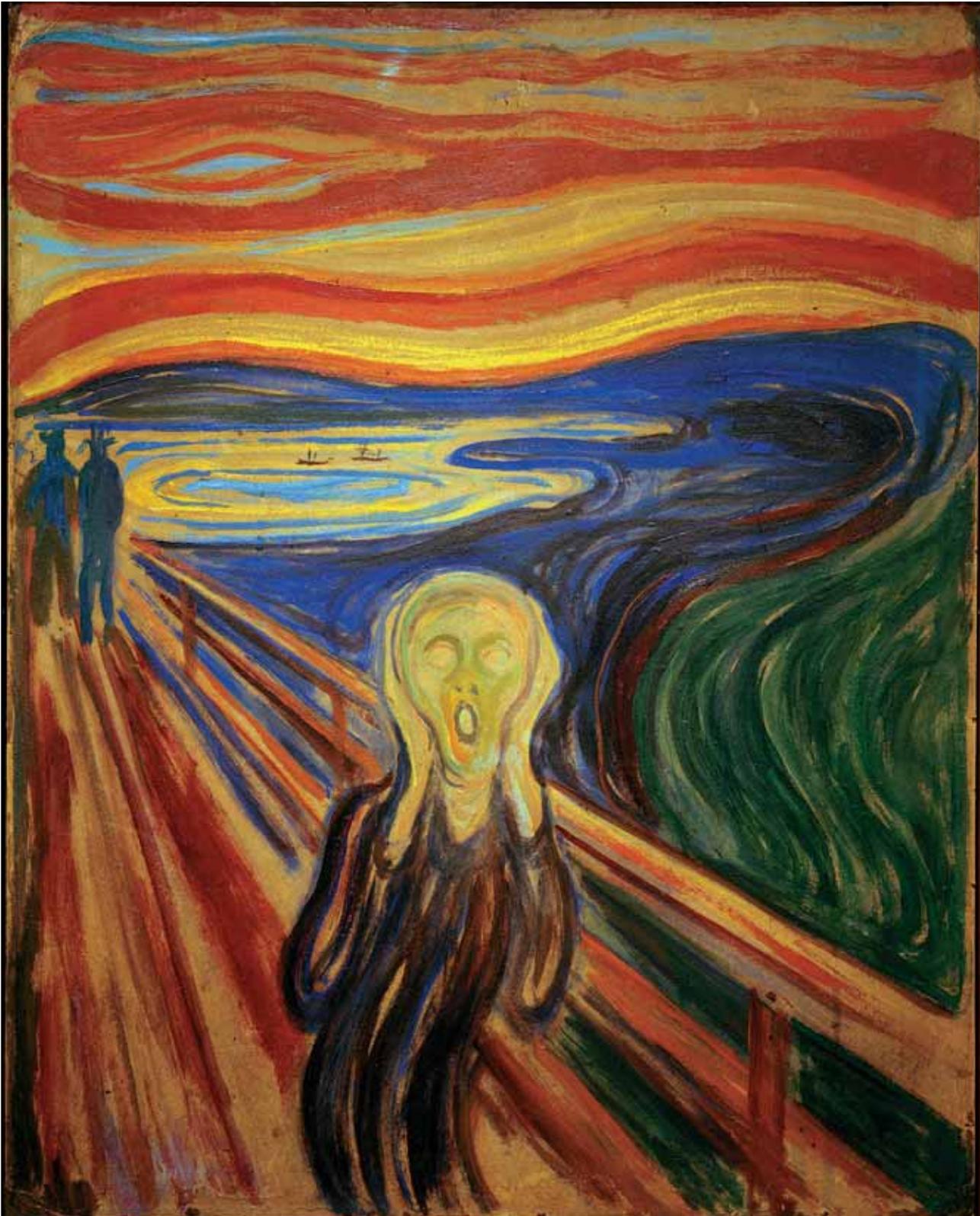
Anita Malfatti



BIOGRAFIA

Nasceu em São Paulo, em 1889. Foi pintora, desenhista, gravadora, ilustradora e professora. Começou seu aprendizado artístico com a mãe. Morou na Alemanha entre 1910 e 1914, onde frequentou a Academia Imperial de Belas-Artes, em Berlim. Em 1914, fez sua primeira exposição individual em São Paulo. De 1915 a 1916, morou e estudou em Nova Iorque (EUA). Na volta dos Estados Unidos, fez uma exposição que desagradou muitos artistas que seguiam as regras das academias, e com isso aproximou-se de intelectuais com as mesmas ideias. Em 1922, participou da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, expondo vinte pinturas. Em 1933, Anita conquistou a grande medalha de prata do Salão de Belas-Artes de São Paulo. Outra realização importante foi a participação na 1ª Bienal Paulista, em 1951. Morreu em São Paulo, em 1964.

Arquivo da família



© Album/akg-images/Latinstock © The Munch-Museum/The Munch-Ellingsen Group/AUTV/S. 2014.

Edvard Munch. *O grito*, 1910. Óleo, têmpera e pastel em cartão, 83,5 cm × 66 cm. Munch Museum, Oslo, Noruega.





Edvard Munch

BIOGRAFIA



Nasceu na Noruega, em 1863. Munch estudou Artes Plásticas no Liceu de Artes e Ofícios de Oslo, capital da Noruega. Em 1885, viajou para Paris, teve contato com vários movimentos artísticos e ficou interessado pela arte de Paul Gauguin. De 1892 a 1908, viveu na cidade de Berlim (Alemanha). Em 1893, pintou sua tela de maior destaque: *O grito*. Essa obra tornou-se um dos símbolos do expressionismo. Em 1896, começou a fazer gravuras e apresentou várias inovações nessa técnica artística. Morreu em 1944 na Noruega.

© Album/akci/images/Lainstock
© The Munch-Museum/The Munch-Ellingsen Group/
AUTVIS, 2014.

Observe com atenção as obras expressionistas desta atividade e compare-as com a produção acadêmica de Almeida Júnior reproduzida anteriormente nesta Unidade. Depois, responda:

1 Quais as principais diferenças que você percebe entre essas obras?

2 Como são utilizadas as cores nas obras expressionistas?

3 O que você observa sobre as formas? Há algum exagero ou deformação nas obras expressionistas?



4 O que você tem a dizer a respeito das pinceladas nas obra expressionistas? Elas são visíveis? É possível notá-las? E nas obras acadêmicas vistas anteriormente?

5 Qual sentimento ou emoção você associaria a cada uma das três reproduções expressionistas? Por quê?

MOMENTO CIDADANIA

Sair de um país para viver em outro – emigrar – é um grande desafio. Um dos maiores desafios é ser (e se sentir) aceito no país de destino.

Os emigrantes que chegaram ao Brasil após a 1ª e a 2ª Guerras Mundiais enfrentaram, em alguns casos, preconceito e xenofobia.

Xenofobia é a intolerância aos estrangeiros e a tudo aquilo que vem de fora do país. Trata-se de crime, assim como o racismo, que também se aplica no caso de discriminação a migrantes, isto é, à população que muda de estado dentro do mesmo país.

Segundo a Lei federal nº 7.716, artigo 1º, de 5 de janeiro de 1989: “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”.

Anita Malfatti e o expressionismo

A arte dinâmica do expressionismo, que refletia as emoções, encantou a artista brasileira Anita Malfatti, uma das pioneiras da arte moderna no Brasil.

Apesar de ter sido muito criticada em sua primeira exposição, Anita pintou de acordo com seus pensamentos e ideias. Foi ousada para a época em que viveu. Assim, por estar à frente de seu tempo, é considerada uma artista de vanguarda. Conheça outras obras da artista:



Anita Malfatti. *Tropical*, 1917. Óleo sobre tela, 77 cm × 102 cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo (SP).



Anita Malfatti. *O farol de Monhegan*, 1915. Óleo sobre tela, 46,5 cm × 61 cm. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), Rio de Janeiro (RJ).





O modernismo no Brasil

O modernismo no Brasil começou oficialmente em 1922. Ele foi muito influenciado pelo movimento expressionista que começou na Europa. Artistas como Lasar Segall e Anita Malfatti, entre outros, trouxeram elementos expressionistas para a arte nacional. O ano de 1922 tornou-se referência para o modernismo brasileiro, pois foi quando um grupo de artistas, que já vinham produzindo obras nesse estilo, organizou a mostra da Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo.

O catálogo da mostra, cuja capa foi produzida pelo artista Di Cavalcanti, traz os nomes dos artistas que participaram da Semana de Arte Moderna:

- **Pintura e desenho:** Alberto Martins Ribeiro, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Ferrignac (Inácio da Costa Ferreira), John Graz, Oswald Goeldi, Vicente do Rego Monteiro, Yan de Almeida Prado e Zina Aita.
- **Escultura:** Hildegado Leão Velloso, Victor Brecheret e Wilhelm Haarberg.
- **Projeto de arquitetura:** Antonio Garcia Moya e Georg Przyrembel.
- **Literatura:** Álvaro Moreira, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Plínio Salgado, Renato de Almeida, Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho e Sérgio Milliet.
- **Música:** Ernâni Braga, Frutuoso Viana, Guiomar Novais e Villa-Lobos.

O modernismo no Brasil rompeu com o tradicionalismo cultural e buscou valorizar referências nacionais e colocar a arte ao alcance de todos. Uma das contribuições mais importantes do grupo modernista para o movimento foi chamada de antropofagia, que seria um modo de o brasileiro utilizar as influências estrangeiras e valorizar a cultura nacional. Seguindo essa ideia, o poeta e escritor Mário de Andrade viajou pelo Brasil recolhendo músicas e histórias do povo brasileiro com o objetivo não só de preservá-las, pois poderiam desaparecer com a crescente urbanização do País, mas também de fazer uma aproximação entre a cultura popular e os artistas e pensadores da época. Nos anos 1930, Mário de Andrade coordenou uma caravana de pesquisadores que viajou pelo País com o mesmo objetivo, e esse trabalho ficou conhecido como Missão de Pesquisas Folclóricas.



FICA A DICA!

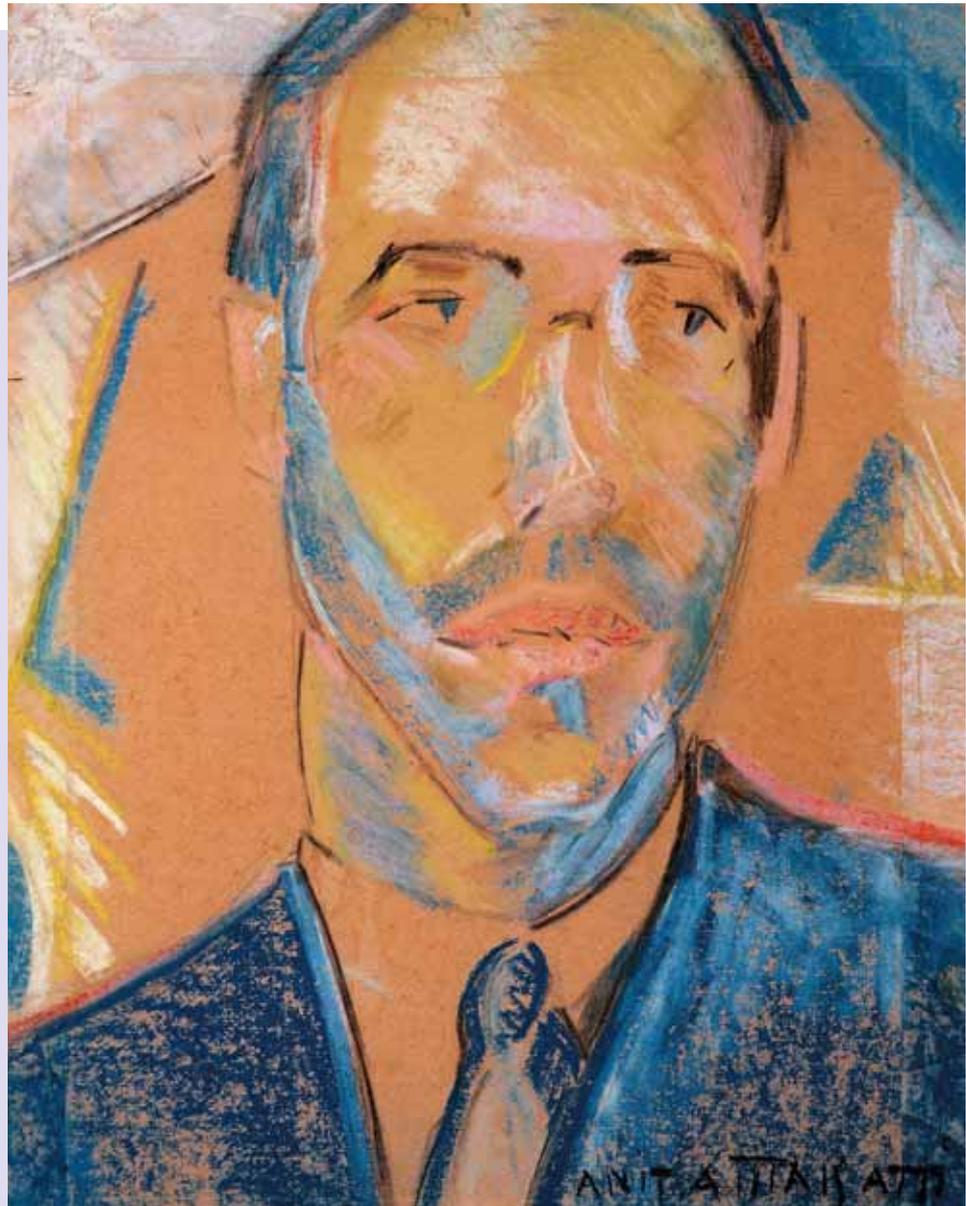
Para conhecer mais sobre a Missão de Pesquisas Folclóricas, entre no site: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/missao/index.html>>. Acesso em: 16 maio 2014.

Nos anos 1920, também foi criado o chamado **Grupo dos Cinco**, composto pelas artistas plásticas Anita Malfatti e Tarsila do Amaral e pelos escritores Oswald de Andrade, Menotti del Picchia e Mário de Andrade, que divulgavam as ideias modernistas.

Veja uma obra de Anita Malfatti retratando Mário de Andrade.



Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).



© Romulo Fialdini

Anita Malfatti. *Retrato de Mário de Andrade*, 1922. Carvão e pastel sobre papel, 36,5 cm x 29,5 cm. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), São Paulo (SP). (acima, fotografia do escritor Mário de Andrade)



SEMANA DE ARTE
MODERNA - CATÁLOGO
DA EXPOSIÇÃO S. PAULO
1922

Di Cavalcanti. Capa do catálogo da Semana de Arte Moderna, São Paulo, 1922. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), São Paulo (SP).

ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

Ao ler para estudar, você pode adotar diferentes procedimentos de estudo, como grifar, resumir, elaborar esquemas ou fazer anotações. Em geral, as anotações devem ser feitas ao lado do texto estudado. Você pode anotar com suas palavras a ideia principal de cada parágrafo, registrando do seu jeito as informações mais relevantes. Dessa forma, quando retomar o texto para estudá-lo, suas anotações o ajudarão a recuperar as principais ideias do que você leu. Lembre-se de que, ao anotar, se deve usar frases curtas ou palavras-chave.

Antes de produzir suas próprias anotações, que tal você analisar algumas? Para tanto, releia o texto *O modernismo no Brasil*. Depois observe as anotações a seguir e assinale a que você considera mais adequada para os parágrafos deste texto.

Você verá que, para cada parágrafo do texto, foram apresentadas duas anotações escritas de formas diferentes. Indique a que você considerar mais adequada para o 1º parágrafo do texto, depois para o 2º e assim por diante.

1º parágrafo

- a) Modernismo – 1922 – Semana de Arte Moderna.
- b) Em 1922 surge o modernismo com a Semana de Arte Moderna.

2º parágrafo

- a) Diversos escultores, pintores, escritores e arquitetos participaram da Semana de Arte Moderna.
- b) Artistas que participaram da Semana de Arte Moderna.

3º parágrafo

- a) Modernismo – democratização da arte – antropofagia.
- b) Modernismo – valorização e preservação da cultura brasileira.

Último parágrafo

- a) Semana de Arte Moderna – grupo dos cinco.
- b) Grupo dos cinco defendia movimento modernista.

Agora se desejar faça suas anotações para cada parágrafo do texto. Use também os grifos, pois eles ajudam a encontrar informações quando você precisar estudar. Bom trabalho!

Neste Tema, você vai conhecer outros artistas europeus que vieram para o Brasil e que contribuíram muito para a cultura do País.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Você já estudou alguns artistas que trouxeram influências europeias para a arte brasileira. Quais outras influências outros artistas estrangeiros trouxeram? Você conhece alguma obra na sua cidade que foi feita por estrangeiros?

Lina Bo Bardi: arquitetura e arte

Lina Bo Bardi nasceu na Itália, em 1914. Em 1946, veio para o Brasil, onde trabalhou como **arquiteta**, **designer**, cenógrafa, editora e ilustradora.

Um dos projetos mais famosos de Lina Bo Bardi é o prédio do Museu de Arte de São Paulo, o Masp, um dos principais museus do Brasil.

Glossário

Arquiteto

Profissional responsável pela criação e projeto de casas e prédios, assim como pela supervisão e execução de obras de arquitetura e edificações.

Designer

Palavra em inglês. É o profissional que desenvolve um projeto, que desenha uma peça de decoração, vestuário, embalagens, móveis etc., para ser produzido.



Vista do Masp. Endereço: av. Paulista, nº 1.578, São Paulo (SP). Disponível em: <<http://www.masp.art.br>>. Acesso em: 16 maio 2014.



© Danilo Verpa/Folhapress

Vista do Masp, mostrando intervenção artística na fachada. (Regina Silveira. *Tramazul*, 2011. Imagem digital sobre vinil adesivo.)

Lina Bo Bardi



BIOGRAFIA

Achillina Bo Bardi nasceu na Itália, em 1914. Formada, em 1940, em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma, trabalhou em Milão com o arquiteto Gio Ponti (1891-1979), líder do movimento em defesa do artesanato italiano. Durante a 2ª Guerra Mundial, participou ativamente da resistência à ocupação alemã e colaborou, como militante, com o Partido Comunista italiano. Ao final da guerra, em 1946, Lina se casou com o historiador de arte Pietro Maria Bardi e os dois viajaram ao Brasil, onde decidiram fixar residência. Após uma temporada na Bahia, e depois do golpe militar de 1964, sua obra passou por uma transformação radical, baseada na simplificação da linguagem artística. Morreu em São Paulo, em 1992.

© Arquivo/AE

O processo criativo de Lina Bo Bardi

Como *designer*, a artista criou diversos objetos, inclusive móveis. Leia o texto da jornalista Adélia Borges sobre o trabalho de Lina Bo Bardi.

[...] Lina pesquisou intensamente a cultura popular brasileira e buscou nela inspiração para seu trabalho. Sua cadeira *Tripé*, de 1948, por exemplo, nasceu da rede, que considerava *um dos mais perfeitos instrumentos de repouso*, por sua aderência perfeita à forma do corpo.

BORGES, Adélia. Lina Bo Bardi. Disponível em: <<http://www.tecsi.fea.usp.br/eventos/contecsi2004/brasilemfoco/port/artecult/design/pioneiro/linabo/index.htm>>. Acesso em: 16 maio 2014.



Coleção Instituto Lina Bo e P.M. Bardi.

Lina Bo Bardi. *Poltrona Tripé*, 1948. Cabreúva e couro. Palma Studio de Arte e Arquitetura. Coleção Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, São Paulo (SP).

Redes em barco regional no Amazonas, como as que inspiraram Lina Bo Bardi.



© Lúia Sampaio/Órção Brasil Imagens



Coleção Instituto Lina Bo e P.M. Bardi.

Na foto, a *Cadeira Frei Egídio*, que projetou em conjunto com os arquitetos Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki. O desenho deriva da cadeira franciscana do século XV. Ela pesa apenas 4 kg; é dobrável, tem fácil transporte e armazenamento.

BORGES, Adélia. Lina Bo Bardi. Disponível em: <<http://www.tecsi.fea.usp.br/eventos/contecsi2004/brasilemfoco/port/artecult/design/pioneiro/linabo/index.htm>>. Acesso em: 16 maio 2014.

Lina Bo Bardi. *Cadeira Frei Egídio*, 1986. Madeira araucária, 84,5 cm × 44 cm × 44,5 cm. Colaboradores: Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki. Coleção: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, São Paulo (SP).

Krajcberg, Lispector e Celi

Além de Lasar Segall e Lina Bo Bardi, outros artistas estrangeiros também vieram enriquecer a cultura e a arte brasileiras. Entre eles, podem ser citados:

- Frans Krajcberg, artista polonês estudado no Volume 1, que emigrou para o Brasil em 1948, onde trabalhou como pedreiro e faxineiro. A arte que desenvolveu no País é testemunho das queimadas e devastações florestais.
- Clarice Lispector, escritora, nasceu na Ucrânia em 1920 e chegou ao Brasil com a família em 1922.
- Adolfo Celi nasceu em Roma (Itália), em 1922, e chegou ao Brasil nos anos 1950. Foi jornalista, historiador, crítico e expositor. Teve importante papel no teatro e no cinema brasileiro nas décadas de 1950 e 1960. Foi também o primeiro diretor artístico do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC).

ATIVIDADE **1** Tornando-se *designer*

Você é o *designer* agora. Crie objetos a partir de sucatas recolhidas em casa ou na escola, pensando na forma e na função de cada objeto. Veja algumas sugestões:

- Que tal usar lâmpadas queimadas para fazer pequenos vasos de plantas?
- Aqueles retalhos de tecido sem uso podem virar uma colcha?
- As latas de manteiga e de óleo podem se tornar canecas ou castiçais?

Você pode também escolher outros materiais e inventar objetos para uso próprio.



Morar em outro país é uma ação desafiadora. Muitas vezes, é necessário aprender uma nova língua, adaptar-se ao clima e seguir novos costumes. Além disso, como você viu no *Momento cidadania*, pode haver preconceito contra estrangeiros. Pensando sobre este tema, reflita: Há maneiras de combater o preconceito e a xenofobia? Por que você acredita que eles existem? Que medidas a população e o poder público poderiam tomar para combatê-los?

HORA DA CHECAGEM**Atividade 1 - Tornando-se *designer***

Criação livre. Se tiver oportunidade, apresente sua produção ao professor.

**Registro de dúvidas e comentários**



Lined writing area with horizontal lines.



A CULTURA INDÍGENA NA FORMAÇÃO CULTURAL DO POVO BRASILEIRO

TEMAS

1. Cultura e arte indígenas brasileiras
2. Arte plumária e tecelagem

Introdução

Nesta Unidade, você vai conhecer algumas manifestações culturais e artísticas de povos indígenas brasileiros. Perceberá a importância e o valor de sua cultura, tendo oportunidade de conhecer um pouco da diversidade das produções artísticas indígenas, como a tecelagem e a arte plumária.

Cultura e arte indígenas brasileiras **TEMA 1**

Neste Tema, você estudará um pouco da cultura indígena no Brasil. Terá oportunidade de conhecer algumas de suas principais formas de produção artística.

Há povos indígenas espalhados por todo o continente americano e em muitos estados brasileiros. No Brasil, atualmente existem mais de 230 grupos. De acordo com o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), todos os povos juntos somavam, naquele ano, 896.917 índios. Desse total, 324.834 viviam nas cidades e 572.083, nas zonas rurais.

Em São Paulo, por exemplo, há guaranis vivendo tanto nas tribos como nas cidades, estudando, frequentando a universidade, trabalhando.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Leia atentamente a lista de palavras abaixo:

	Mandioca	Gambá		Toró
Arapuca		Mingau	Cumbuca	
	Bauru		Caboclo	Abacaxi
		Cupim	Tapera	
	Catapora		Pipoca	Taquara
Peteca		Toca		Arara
			Cipó	



Algumas dessas palavras costumam ser utilizadas no dia a dia, e você sabe o que elas têm em comum? Todas são de origem indígena, assim como muitas outras, como as que nomeiam estas cidades brasileiras: Aguaí, que significa “guizo” ou “cascavel”; Araraquara, “morada do sol”; Boituva, “muitas cobras”; Guapiara, “nascente do rio”; Indaiatuba, “local com palmeiras indaiás”; e tantas outras cidades brasileiras, como Guarulhos (SP), Tatuí (SP), Itapevi (SP), Itapeçerica da Serra (SP), Itanhaém (SP), Sorocaba (SP), Piracicaba (SP), Apiaí (SP), Paraguaçu (SP), Mairiporã (SP), Itapetininga (SP), Acopiara (CE), Aracaju (SE), Guaxupé (MG), Igarassu (PE), Itabuna (BA), Itajaí (SC)... Pesquise mais algumas cidades com nomes de origem indígena.

As contribuições da cultura indígena são muitas e não estão somente nas palavras, mas também nos costumes, na alimentação e ainda nas manifestações artísticas de todo o Brasil. Por exemplo, algumas danças surgiram da cultura indígena, como: cateretê, catira, caruru, toré dos quilombos alagoanos, sarabaquê ou dança de santa cruz, sairé, assim como alguns folguedos populares: caiapós, caboclinhos, tribo, dança dos tapuias, entre outras.

- Você conhece algumas das danças citadas?

- O que você conhece sobre os povos indígenas do Brasil?

- Você sabe se há alguma raiz indígena na sua família? Qual?

- Perto de onde você mora há alguma reserva indígena?



Produções indígenas

As produções indígenas não são feitas apenas para serem admiradas, como se fossem obras de arte. Muito do que os índios produzem tem outras funções: são também instrumentos de pesca e caça, de rituais religiosos, de festividade ou de cozinha, como cestarias, máscaras, flechas e adornos com penas.

Nas produções indígenas, também são encontradas figuras imaginárias representando seres humanos, animais, vegetais e entes sobrenaturais. Um exemplo: para os índios da tribo xerentes, o triângulo representa o jabuti, e o zigue-zague, a sucuri. As produções indígenas dependem da visão de mundo e das necessidades de cada comunidade e dos materiais disponíveis encontrados nos locais em que moram.



Pupunhas maduras em cestos trançados em palha. Santa Isabel do Rio Negro (AM).

O que você conhece dessas produções indígenas?

A seguir, você vai estudar como alguns artistas retrataram a cultura indígena.



ATIVIDADE 1 O olhar estrangeiro

Alguns artistas estrangeiros que estiveram em terras brasileiras logo após a chegada dos portugueses registraram em suas telas as paisagens e também os diferentes costumes dos indígenas.

Aprecie a pintura, na próxima página, *Dança dos tarairius (tapuias)*, de Albert Eckhout, artista que participou da expedição de Maurício de Nassau ao Brasil em 1637.

Agora, responda às questões:

1 De acordo com a legenda, a obra retrata uma dança. Qual seria o motivo da dança? Uma comemoração? Divertimento? Preparação para uma guerra? Um ato religioso? Escreva um pouco a respeito da sua impressão.

2 Observe bem a imagem e responda: Quem dança? Quem observa?

3 Além das pessoas, o que mais o artista representou nessa cena?



4 Como o artista representou os adornos usados pelos homens? Repare no que trazem nas mãos, no pescoço, nas pernas e na cabeça.

5 Com quais cores o artista compôs a cena?



Albert Eckhout. *Dança dos tarairius (tapuias)*, s/d. Óleo sobre tela, 172 cm x 295 cm. Museu Nacional, Copenhague, Dinamarca.

ATIVIDADE 2 Os índios brasileiros retratados por Debret

O pintor francês Jean-Baptiste Debret também retratou os indígenas brasileiros. Na página a seguir observe algumas obras desse artista e responda às questões.

1 Com base na leitura das obras de Debret, como você imagina que viviam os índios no Brasil em 1816? Por quê?

2 O que você acha que a primeira imagem representa? E a segunda? Não se esqueça de que os títulos das obras podem ajudar a responder à questão.



ASSISTA!

Arte – Volume 2

Primeiros retratos do Brasil

Este vídeo mostra as primeiras pinturas produzidas por artistas estrangeiros que representaram os índios brasileiros, como Jean-Baptiste Debret (1768-1848). Também apresenta uma discussão sobre o olhar que os estrangeiros registraram em suas pinturas.

Jean-Baptiste Debret



BIOGRAFIA

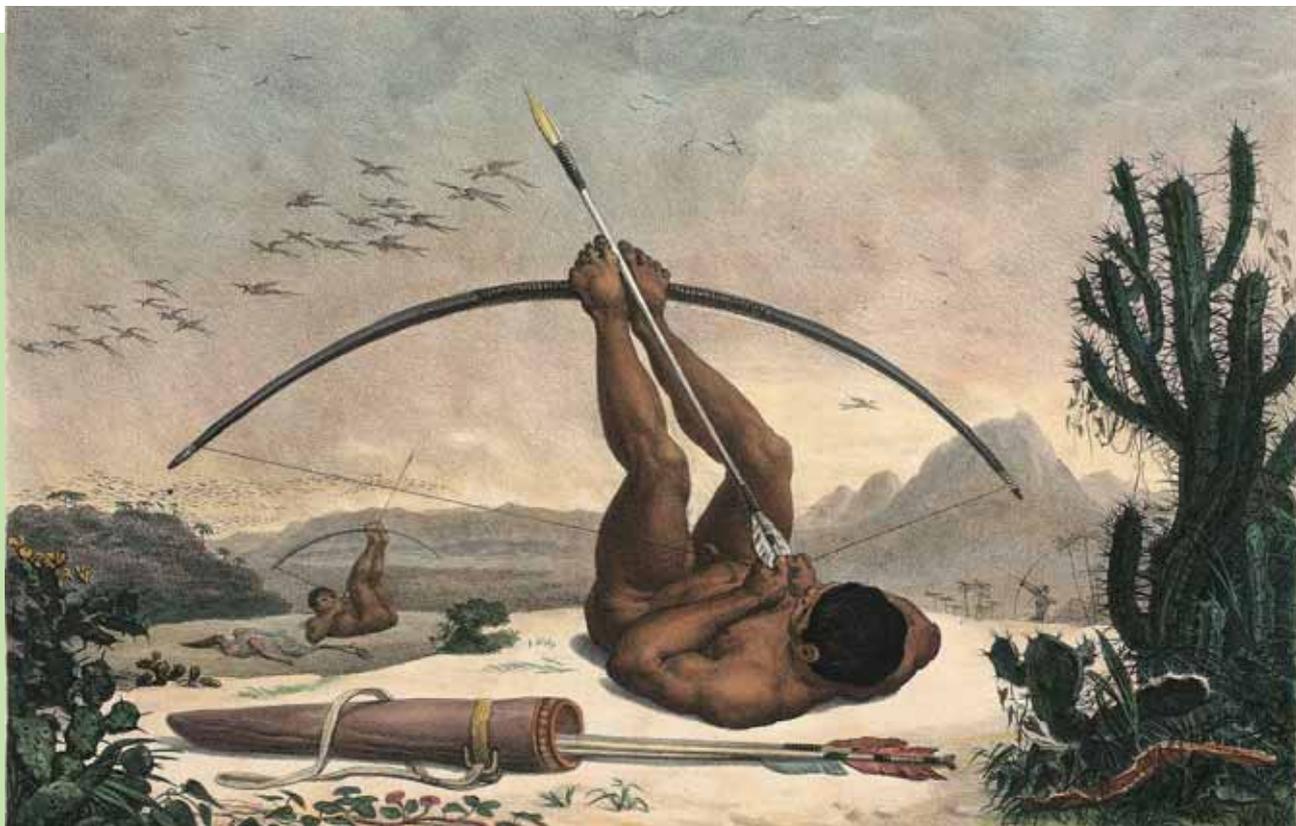
Nascido em Paris (França) em 1768, era pintor, desenhista e professor. Veio ao Brasil em 1816 como membro da Missão Artística Francesa, cuja finalidade era criar, no Rio de Janeiro, uma academia de artes e ofícios que se tornaria depois a Academia Imperial de Belas-Artes.

Debret retratou os usos e os costumes brasileiros de forma geral, com a intenção de mostrar, principalmente aos europeus, um panorama que fosse além da simples visão de um país exótico e interessante, baseado no ponto de vista da história natural.

Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (RJ).



Jean-Baptiste Debret. *Família de um chefe Camacã preparando-se para uma festa*, 1834. Litografia de C. Motte, 20,4 cm x 32 cm, integrante da obra *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, vol. 1.



Jean-Baptiste Debret. *Caboclos ou índios civilizados*, 1834. Litografia de C. Motte, 23,2 cm x 33,3 cm, integrante da obra *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, vol. 1.

ATIVIDADE 3 Outros olhares sobre o indígena brasileiro

O universo indígena também foi representado por meio de outra linguagem artística: a música.

Leia a letra da canção *Ubirajara*, interpretada pelo coral de estudantes Cantos de Makunaíma, de Roraima.

Ubirajara

Sérgio Sarah

No meio da mata
Cacique anda nu, cara pintada
Cura e cora a cara
Cará, urucum, jucá, arara

Brota coisa rara
Bacaba beiju que dá na cara
Entoou no mato o pajé:
Aoô, aoô, aoô

Tá contagiado
Cantando o caju todo pintado
Pilando cipó imaculado

Num toco ocado
Batuca o tambor fumando mato
Toda a taba toca no tom
Aoô, aoô, aoô

Mundo todo louco
Maluco cabou com todo o mato
Tudo que é caduco
Maluco levou índio no papo

Índio toca gado
No mato gritando “eu quero é mato”
E morto no vento soou
Aoô, aoô, aoô

CD *Canções do Brasil – Palavra Cantada*

1 O que você tem a dizer sobre a letra dessa música?

2 Após ler a letra da canção, que imagem você criaria do indígena brasileiro?



3 Agora, faça um desenho abaixo que registre a sua visão do índio brasileiro.





VOCÊ SABIA?

Os desenhos abaixo são chamados **grafismos**. Geralmente são geométricos, abstratos e se repetem.

Na cultura indígena, são desenhados em cestos, cerâmicas utilitárias e pinturas corporais. Segundo alguns pesquisadores, os grafismos são diferentes em cada tribo e servem também para identificar o grupo ao qual pertence o índio. Observe alguns exemplos:



Desenhos decorativos de peças de cerâmica do Grupo Asurini do Xingu (reproduções feitas por Filipe Jr.). MÜLLER, Regina Polo. Tayngava, a noção de representação na arte gráfica Asurini do Xingu. In: VIDAL, Lux (org.). *Grafismo indígena*. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1992, p. 239.

HORA DA CHECAGEM

Atividade 1 - O olhar estrangeiro

- 1** A pintura de Eckhout é forte no que diz respeito ao retrato do movimento. Observa-se uma sincronia entre braços e pernas sugerindo uma movimentação vigorosa. Trata-se de uma preparação para o confronto com o inimigo. Aqueles que participam da dança, os homens, carregam tacapes e lanças.
- 2** Apenas os homens dançam, as mulheres observam e parecem estar conversando em voz baixa.
- 3** O artista representou, além da dança, um coqueiro e um cajueiro, que representam parte da flora brasileira, ou seja, as plantas que representam uma região. Ambos estão no canto superior direito da tela. Há também um representante da fauna (coletivo de animais de uma região ou país): um tatu no lado direito da imagem, abaixo das duas mulheres.
- 4** O artista representou os índios dançando com tacapes (arma de madeira) e lanças. Eles usam adornos nos pulsos, nos tornozelos e no pescoço e alguns trazem na cabeça cocares (enfeites com penas, chamados também de ornamentações plumárias).
- 5** As cores que o artista mais utiliza são os ocres (tons de terra), marrom, laranja e amarelo, todas em diferentes tonalidades.

Atividade 2 - Os índios brasileiros retratados por Debret

- 1** Nas duas obras de Debret podem-se observar a nudez, o uso de adereços (na primeira imagem), a arma indígena (segunda imagem) e a paisagem natural. Esses aspectos já revelam um modo de vida característico dos indígenas.
- 2** O título de cada obra pode ajudar na resposta. Na primeira imagem, é representada uma família se preparando para uma festa, e a segunda representa índios caçando aves.

Atividade 3 - Outros olhares sobre o indígena brasileiro

- 1** A letra diz respeito a costumes indígenas, como andar pelado, pintar a cara, curar doenças com plantas medicinais, fumo de cipó, dançar. Ela também mostra que o índio perdeu seu espaço, com a invasão de outros povos, chamados de “malucos” na música.
- 2** Esta resposta é pessoal, ou seja, não há certo ou errado, depende de sua leitura da canção.
- 3** A partir das suas impressões, você irá fazer um desenho. Não se preocupe com o resultado final, o importante é explorar o processo. Qual elemento foi escolhido para ser retratado? Por quê?



Registro de dúvidas e comentários



Lined writing area consisting of 25 horizontal lines.



Neste Tema, você estudará dois tipos de produções artísticas de indígenas brasileiros: a arte plumária e a tecelagem.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?

É possível encontrar em livros, em fotografias, no cinema ou na televisão imagens de índios usando cocares, tornozeleiras, pulseiras e colares feitos com penas de pássaros. Mas por que eles usam penas de ave? Esses adornos feitos de pena são, para muitos grupos, “trajes especiais” para determinadas ocasiões. São objetos usados durante as cerimônias, pelo mesmo motivo que um padre usa batina e uma noiva usa vestido branco no casamento.

📖 Arte plumária

A palavra *pluma* significa *pena de ave*. No Brasil, existem pelo menos trinta grupos indígenas que produzem arte plumária. Com as plumas, podem ser confeccionados mantos, máscaras, cocares e braceletes, que são usados em rituais e cerimônias.

E para que os índios usam penas de ave no corpo? Para eles, são formas de comunicação e podem representar idade, sexo, função ou a posição social no grupo.

Por exemplo, em uma aldeia kayapó a disposição das penas em um cocar indica a hierarquia que existe nela, ou seja, define quem é o chefe, o guerreiro e o curandeiro. Assim, as variações na disposição das penas simboliza como a aldeia está organizada.

O formato em arco do cocar kayapó representa uma grande roda que gira entre o presente e o passado.



Índio kayapó com cocar, adereços e pinturas corporais.



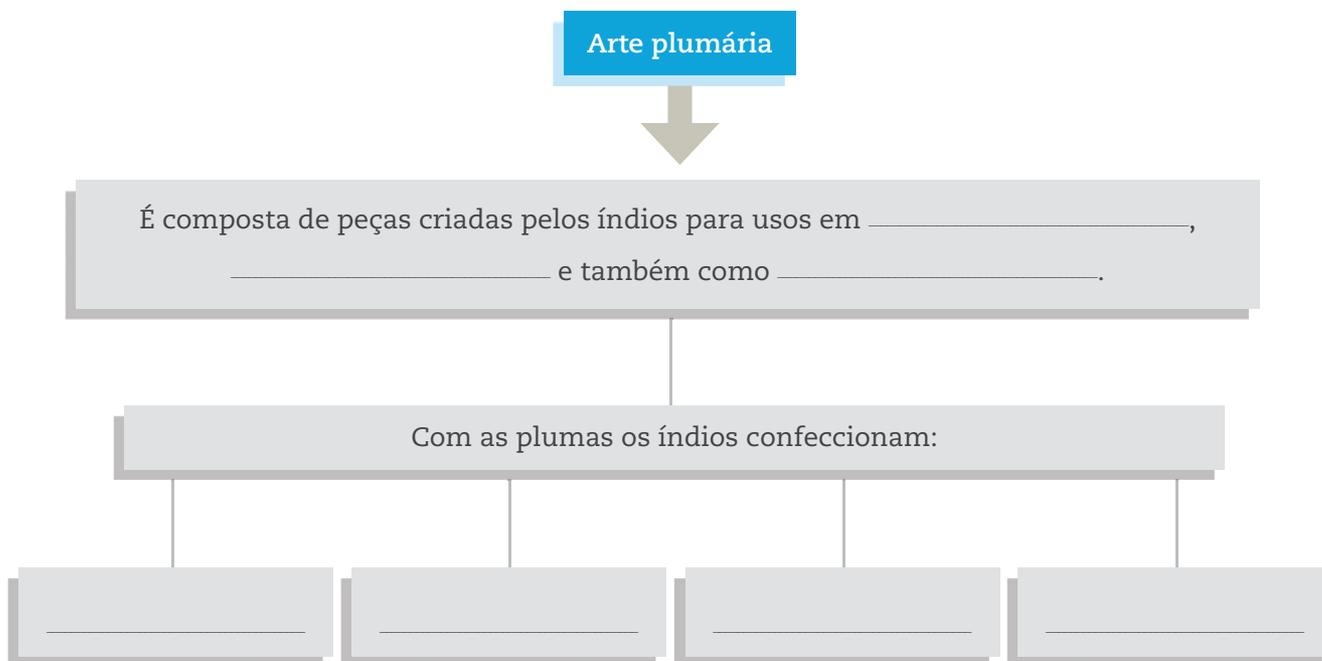
ORIENTAÇÃO DE ESTUDO

Enquanto você está estudando, pode elaborar alguns esquemas para ajudar a entender o texto. Essa é uma boa técnica de estudo, que também facilita para fazer um resumo oral ou escrito de um texto.

O esquema é uma representação resumida do texto. Para fazer um esquema, escreva frases curtas e palavras-chave que indicam só as ideias principais do texto.

ATIVIDADE 1 Esquema sobre a arte plumária

Releia o texto *Arte plumária* com atenção. Depois, preencha o esquema a seguir.



As cores na cultura kayapó

A cor vermelha, para os kayapós (que vivem ao sul do Pará e norte de Mato Grosso), refere-se à casa dos homens. Localizada no centro da aldeia, essa casa é o espaço em que eles discutem sobre a caça, a guerra e seus rituais. É nesses locais que eles confeccionam os artefatos plumários.



A cor amarela refere-se ao local das mulheres: casas e roça. Em casa, as mulheres pintam o corpo do marido e dos filhos e preparam os alimentos; a roça é o lugar onde somente elas plantam e colhem.

As matas são representadas pela cor verde. Para os kayapós, além de proteger as aldeias, as matas são a morada dos mortos e dos seres sobrenaturais, ou seja, um lugar sagrado.



VOCÊ SABIA?

Algumas pessoas acreditam, ainda hoje, que os índios fazem parte do passado ou que estão desaparecendo. Porém, a população indígena é de mais de 890 mil pessoas. Desse total, aproximadamente 300 mil vivem fora das terras indígenas. Os índios que vivem fora da aldeia são chamados de índios urbanizados ou, ainda, índios urbanos.

Fonte: MUNDURUKU, Daniel. *Coisa de Índio*. São Paulo: Callis. 2004, p. 11.



© Renato Soares/Pulsar Imagens

Arte plumária rikbaktsa. Acervo Memorial da América Latina, São Paulo (SP).



© Fabio Colombini

Índio com cocar e colar. Tribo indígena kalapalo - Aldeia Aiha, 2011. Parque Indígena do Xingu (MT).



PENSE SOBRE...

Na cidade onde você mora há alguma aldeia indígena? Essa aldeia tem alguma prática artística? Você a conhece?

Você acredita que os povos indígenas são respeitados na atualidade? Por quê?



ATIVIDADE 2 Produzindo um esquema

Agora é a sua vez de fazer um esquema. Releia com atenção o texto *As cores na cultura kayapó*. Depois, faça um esquema sobre ele. Comece pelo título, depois elabore uma frase ou registre palavras-chave que resumam cada parágrafo. Bom estudo!



ASSISTA!

Arte – Volume 2

Arte indígena

Este vídeo apresenta a diversidade da produção cultural dos povos indígenas brasileiros. Ressalta a importância dessa cultura na formação da identidade nacional. Mostra também como são feitos os artefatos indígenas. Vale a pena ver esse vídeo, pois pode ampliar seus conhecimentos e, além disso, com ele você pode compreender melhor o que estudou até aqui.



Trançado e tecelagem indígena

Além da arte plumária, os índios brasileiros também fazem trançados e tecelagem. Para os trançados, eles usam fibras vegetais, como a palha. Na tecelagem, usam fios, com ou sem o auxílio do tear.

Trançado

Os povos indígenas usam materiais retirados da natureza para criar artefatos de uso cotidiano. A variedade das plantas e das fibras lhes oferece materiais suficientes para a criação de trançados. Dessa maneira, constroem casas e utensílios diversos, como cestos para uso doméstico e transporte de animais, redes para pescar e dormir, instrumentos musicais.



Mãos de artesão da etnia tucana tecendo esteira de fibra vegetal.



Índigena saterê-maué fazendo artesanato. Aldeia Inhãa-bé, 2009, Igarapé do Tiú, Manaus (AM).



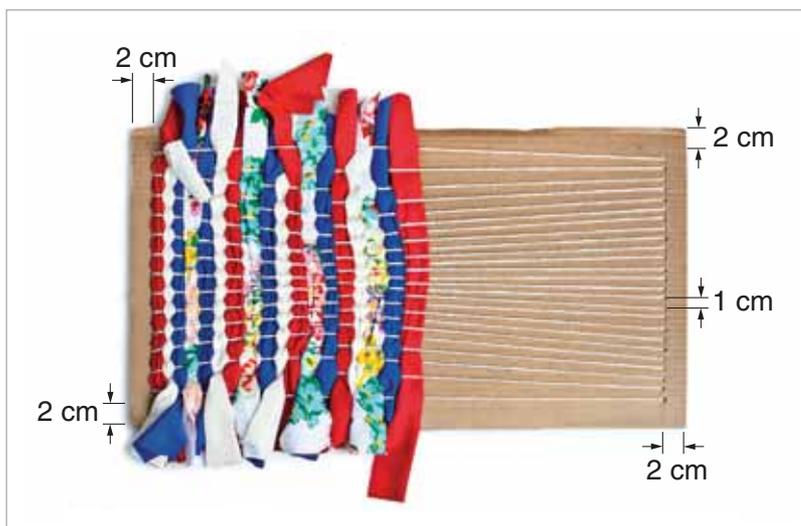
Cestaria wajjãpi. Acervo Memorial da América Latina, São Paulo (SP).

Tecelagem

A tecelagem é uma técnica de entrelaçamento de fios, que pode ou não ser feita em um tear.

O tear é um instrumento que ajuda a organizar o entrelaçamento de vários fios simultâneos. Veja ao lado a foto de um tear de papelão, que pode ser produzido de forma caseira.

Para produzir um tear assim, veja os passos necessários.



Materiais necessários

- Tesoura.
- Régua.
- Lápis grafite.
- Um papelão com medida aproximada de 35 cm × 40 cm.

Procedimentos

- Risque uma margem de 2 centímetros nos quatro lados do papelão.
- Faça furos com distância de 1 centímetro entre um furo e outro, ao longo das bordas esquerda e direita do papelão.
- Prepare uma agulha dobrando um pedaço de arame ao meio e cobrindo as pontas com fita-crepe.
- Coloque uma tira de fio na agulha e passe de um furo a outro, no sentido vertical, até que todos estejam preenchidos. Caso precise emendar os fios, é só dar um nó para unir os dois.
- Comece a tecer, passando um fio por cima e outro por baixo. A cada fio tecido, ajeite o trabalho com os dedos para que fiquem bem juntinhos.
- Amarre, de duas em duas, as sobras laterais das tiras, para que o trabalho não se desfaça.
- Ao terminar, recorte as margens do papelão e retire a peça.

Com essa peça, você pode fazer uma bolsinha, um suporte para telefone ou inventar outras peças.

Você conhece crochê e tricô? São técnicas que não necessitam de tear, e os produtos confeccionados a partir delas são feitos com um único fio.

É a partir dessas técnicas que muitas tribos indígenas produzem tecidos para vestuário e redes, entre outras peças.

Na técnica de tecelagem, são notáveis os trabalhos de tapeçaria. A tapeçaria é uma atividade milenar, uma **tradição ancestral**. Essa técnica acompanha o ser humano desde os primórdios da civilização e está ligada às necessidades humanas de proteção, expressão e agasalho. A tapeçaria é praticada desde as civilizações pré-colombianas e egípcias, e também pelos povos indígenas brasileiros.

A artista brasileira Regina Gomide Graz produziu um de seus trabalhos artísticos a partir da técnica de tapeçaria indígena. Ela atuou como pintora, decoradora e tapeceira, sendo uma das artistas mais produtivas no meio artístico nacional durante as décadas de 1920 e 1940. Dedicou-se principalmente à decoração de interiores, trabalhando com tapeçarias em veludo, **panneaux** e almofadas, criando motivos que se aproximam da abstração geométrica. Outros artistas também se dedicaram à arte da tapeçaria, como Norberto Nicola e Jacques Douchez.



Glossário

Tradição ancestral

São as práticas e costumes de antepassados e que são transmitidos através dos tempos. Dentre tais tradições, estão: jogos, danças, músicas, comemorações e cerimônias religiosas ou não, alimentação, rituais, técnicas de plantio.

Panneaux

Palavra francesa que designa pano, tecido, tapeçaria decorativa.



John Graz. Desenho para tapeçaria de Regina Graz, *Sem título*, [c. década de 1930]. *Petit point* tecido a mão, 97 cm × 134 cm. Instituto John Graz, São Paulo (SP).

**ATIVIDADE 3** Interpretando o texto

Releia o texto *Trançado e tecelagem indígena* e responda às questões abaixo:

1 A arte de tecer é uma prática muito antiga entre os índios.

a) Quais materiais eles usam na tecelagem?

b) Que utensílios os índios produzem com seus trançados?

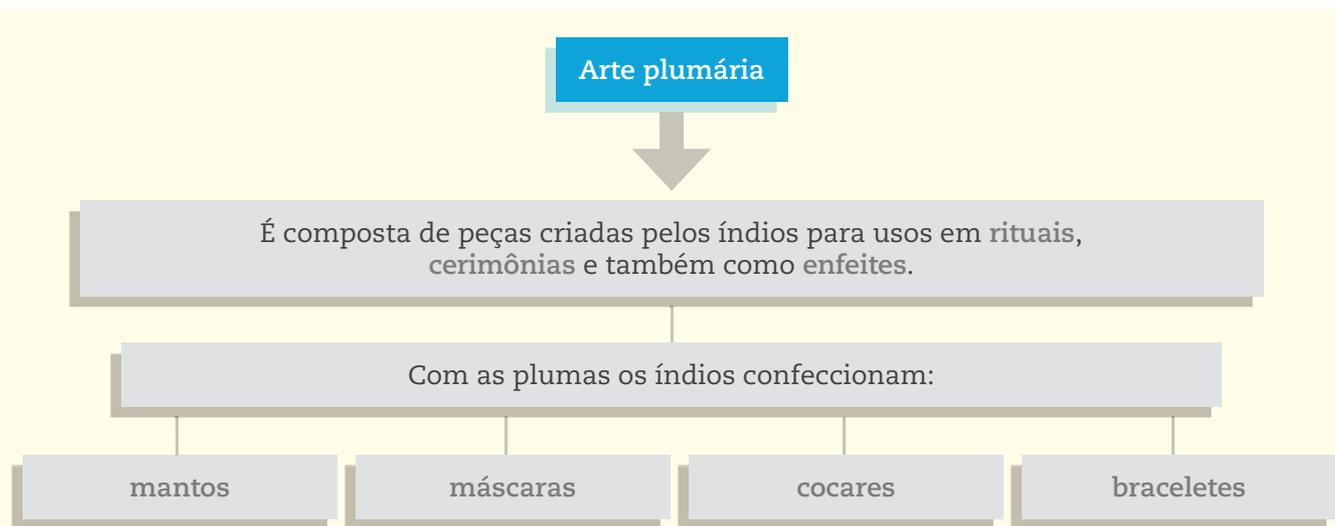
c) Qual é o artefato de tecelagem mais conhecido que os índios fazem?

2 A artista plástica Regina Graz interessou-se muito pela tapeçaria indígena, pesquisou e depois produziu painéis, quadros e almofadas. E você, o que faria se recebesse de presente alguns tecidos indígenas?

HORA DA CHECAGEM**Atividade 1 - Esquema sobre a arte plumária**

Agora você avaliará suas respostas para Atividade 1 de interpretação de texto. Leia as respostas a seguir e compare com as suas. Observe se é necessário completar as respostas ou fazer ajustes em algumas delas. Não se esqueça de que não há apenas uma maneira certa de responder. Por isso, você precisa observar suas respostas atentamente, perceber seus acertos, aprender com as correções, enfim, refletir sobre o que escreveu antes de tomar sua anotação como certa ou errada.

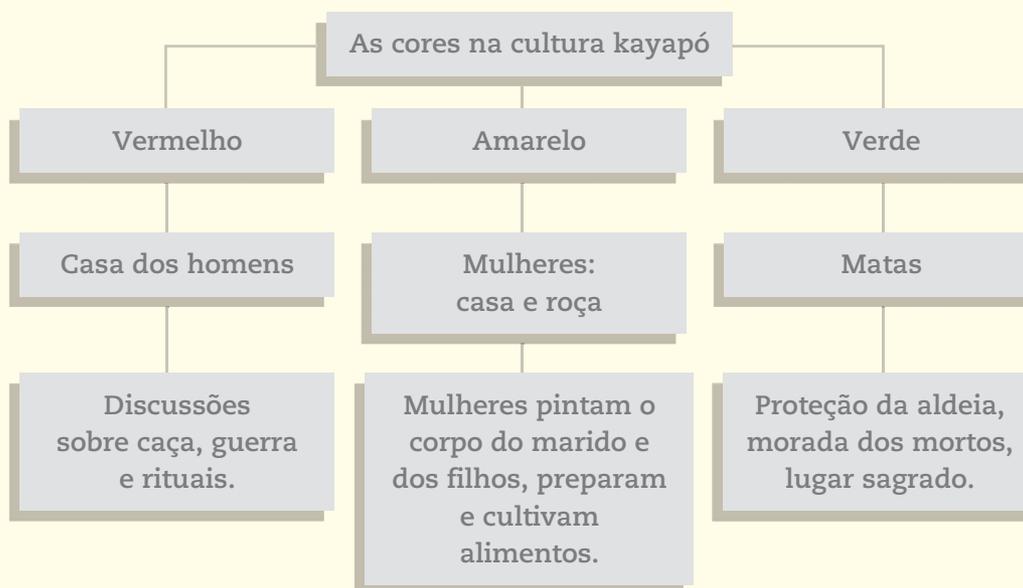




Atividade 2 - Produzindo um esquema

O esquema pode ser feito de diversas maneiras, o importante é que as ideias centrais do texto apareçam nele.

Uma sugestão de esquema é:



Atividade 3 - Interpretando o texto

1

- a) A tapeçaria pode ser feita de algodão, sisal, juta e fibra, entre outros materiais.
- b) Diversos utensílios, como cestos domésticos, redes de pesca e de dormir.
- c) O artefato indígena mais conhecido produzido por meio da tecelagem é a rede de dormir.

2

Da mesma forma que a artista plástica Regina Graz, você poderia fazer almofadas, quadros ou até painéis com os tecidos indígenas. Poderia ainda usar os tecidos como colcha para cobrir a cama ou para levar à praia ou ao parque, por exemplo.

TEMAS

1. O barroco
2. Cultura africana no Brasil

Introdução

Nesta Unidade você vai estudar a arte barroca, um movimento artístico que se originou na Europa no início do século XVII e que no Brasil teve destaque com o escultor Aleijadinho.

Você também vai conhecer um pouco da formação da arte afro-brasileira. A cultura africana é muito rica, especialmente em tradições que se desdobram em danças, esculturas e outras artes.

O barroco TEMA 1

O assunto que você estudará neste Tema é a arte barroca e seu grande representante no Brasil, Aleijadinho. Ele nasceu escravo em 1738 e é considerado um dos maiores escultores do País.

 O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Nas igrejas católicas, há diversas imagens que representam santos ou santas. Como elas são representadas? Há muitos detalhes? Alguns desses elementos podem ter sido influenciados pelo estilo barroco.

 A arte barroca

O barroco foi um **movimento artístico** que surgiu na Itália no século XVII. Suas características são a valorização das cores, das luzes, sombras e do contraste que acabam por marcar algumas obras com certa dramaticidade. As imagens, tanto pinturas como esculturas, apresentam exagero de detalhes e bastante movimento. Os temas principais são a mitologia, as passagens da Bíblia e os fatos da história da humanidade. Nos amplos tetos das igrejas, anjos e santos flutuavam em meio a nuvens, fitas e flores, compondo um grande espetáculo visual. Era o espetáculo do barroco. Como a maioria das pessoas não sabia ler, essas esculturas e pinturas das igrejas funcionavam como livros.



Movimento artístico

Conjunto de características artísticas comuns em um determinado local e período da história.

Observe, a seguir, imagens de obras produzidas por artistas barrocos. A primeira é do teto de um palácio em Roma, na Itália. A segunda é de uma igreja em Salvador (BA), em cuja construção certamente trabalharam muitos escravos. E a terceira (na próxima página) é de uma igreja em Ouro Preto (MG).



Pietro da Cortona. *O triunfo da Divina Providência*, 1633-1639. Afresco em teto. Palazzo Barberini, Roma, Itália.



Igreja de São Francisco, Salvador (BA).



Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto (MG). O projeto arquitetônico e os ornamentos são de autoria de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e as pinturas são de Manuel da Costa Ataíde.



A arte barroca no Brasil

Entre os séculos XVI e XVIII, quase toda a arte que se produzia no Brasil era religiosa, devido à influência de diversos missionários católicos, como jesuítas, franciscanos e beneditinos. Eles se encarregavam não apenas da educação religiosa, mas muitos deles ensinavam a ler, escrever, cantar, pintar, esculpir e até a prática do teatro. Assim, muitas obras artísticas, como pintura e escultura, retratavam temas religiosos, imagens de santos e cenas bíblicas.

Aleijadinho foi um dos grandes escultores barrocos brasileiros. Ele desenvolveu sua arte como aprendiz de um mestre. Essa forma de transmitir conhecimento de mestre para aprendiz ocorre há muito tempo.

Na Idade Média (período da história que vai do século V ao século XV, algum tempo antes de surgir o barroco), os artistas aprendiam sua arte nas **corporações de ofício**, associações nas quais os conhecimentos e as técnicas eram transmitidos e desenvolvidos pelos artesãos. Havia a corporação dos escultores, a dos douradores, a dos ferreiros e assim por diante. No século XII, essa forma de organização era chamada, na Europa, de sistema de guildas.



VOCÊ SABIA?

O SISTEMA DE GILDAS EM ALGUNS PAÍSES DA EUROPA

O século XII foi uma fase marcada pela venda das mercadorias e pela venda do trabalho. Foi nesse período que teve início o sistema de trabalho assalariado.

Nessa época, surgiram as oficinas artesanais: havia o mestre, o artífice ou companheiro, e o aprendiz. Era o chamado sistema de guildas (a palavra guilda tem origem no francês *guilde*, que significa corporação de artesãos). Mas veja como o trabalho já estava ligado à formação profissional.

Os artesãos passaram a se organizar em torno de sua ocupação, de seu ofício, formando um grupo, uma guilda. A guilda dos ferreiros, por exemplo, fazia reuniões e todos decidiam o que era preciso saber a fim de se tornar um ferreiro, estabelecendo regras para o exercício do trabalho. Os mais experientes eram chamados de mestres e possuíam suas próprias ferramentas.

Os mestres ensinavam os aprendizes, que depois de dois a quatro anos (dependendo do ofício) se tornavam artífices ou companheiros, isto é, ajudantes, auxiliares do mestre, e poderiam então trabalhar em outras oficinas e até em outros países.

Veja que curioso: o mestre tinha um tipo de diploma, uma garantia de que ele dominava seu ofício, conhecia o trabalho que fazia. Já o aprendiz – que depois se tornava artífice – tinha direito a uma declaração de que havia recebido a formação de seu mestre. Como, em geral, as oficinas artesanais funcionavam nas casas, elas se confundiam com o ambiente doméstico: pai (mestre), filho mais velho (companheiro) e filho mais novo (aprendiz), todos trabalhando na mesma ocupação. Era proibida a participação de mulheres, e a elas cabiam as tarefas de limpar a oficina, cuidar da casa etc.

Se, por exemplo, o ofício era construir carruagens, o mestre, o companheiro e o aprendiz pensavam em cada detalhe do processo: *Como vai ser a carruagem?* E a desenhavam. *Como serão os estofados?* E as rodas? *Serão feitas pinturas nas portas para que fiquem mais bonitas?*

Todos conheciam o trabalho do princípio ao fim e participavam de todas as etapas até a carruagem ficar pronta. Portanto, não havia divisão de trabalho.

No contexto brasileiro, nessas corporações de ofício os mestres eram as pessoas com mais experiência, que ensinavam aos aprendizes, a maioria negros e mestiços. No Brasil do século XVIII, um dos aprendizes, que depois se tornou mestre, foi o escultor Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.



Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa). *São João da Cruz*, século XVIII. Igreja de Nossa Senhora do Carmo, Sabará (MG).



Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa). *Os doze profetas* (Adro da Basílica de Congonhas), 1800-1805. Esculturas em pedra-sabão. Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo (MG).

Aleijadinho iniciou a construção do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos em 1757, e esta é considerada sua obra-prima. Ela foi reconhecida como Patrimônio Mundial pela Unesco em 1985. Este santuário se localiza no alto de uma colina. Para chegar ao Santuário, que você pode ver na foto acima, há um caminho que é composto por outras seis capelas, e em cada uma delas estão retratados os Sete Passos da Paixão de Cristo. A imagem acima mostra o adro, composto pelos 12 profetas. Esta parte foi a última a ser produzida por Aleijadinho, entre os anos de 1800 e 1805. Na imagem à direita você vê o Profeta Daniel e todos os detalhes da escultura em pedra-sabão.

Fonte: Portal Iphan. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=279>>. Acesso em: 19 maio 2014.



Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa). *Profeta Daniel* (Adro da Basílica de Congonhas), 1800-1805. Escultura em pedra-sabão. Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo (MG).

Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho)



Euclásio Penna Ventura.
Retrato de Aleijadinho,
s/d. Óleo sobre madeira.
Acervo Museu Mineiro,
Belo Horizonte (MG).

Antônio Francisco Lisboa nasceu bastardo e escravo, em Minas Gerais, em 1738. Era filho de um arquiteto de obras português e de uma de suas escravas africanas.

O apelido *Aleijadinho* deve-se ao fato de ter adoecido por volta dos 40 anos, o que o deixou com pernas e mãos deformadas. Como não podia mais se locomover, era carregado por dois escravos, que lhe amarravam nas mãos os instrumentos de que necessitava para esculpir. Usava preferencialmente madeira e **pedra-sabão** em suas esculturas. A madeira era a matéria mais empregada pelos escultores barrocos. Já a pedra-sabão foi introduzida

no barroco brasileiro pela disponibilidade desse material na região de Minas Gerais, além de ser uma pedra mole, macia, mais branda, ou seja, fácil para entalhar.

Aleijadinho produziu muitas esculturas, a maioria delas imagens religiosas que ainda hoje podem ser admiradas nas igrejas mineiras.



Pedra-sabão

Rocha de cor verde ou cinza-escura, encontrada principalmente em Minas Gerais. É formada de talco e clorita, sendo bastante macia. É usada na fabricação de certos utensílios domésticos, como panelas, cinzeiros, estatuetas etc.

Acervo do Museu Mineiro

BIOGRAFIA

ATIVIDADE 1 A arte barroca no Brasil

Nesta atividade, você estudará as obras de arte vistas anteriormente e a relação delas com o estilo barroco. Após apreciar as obras, responda às questões:

1 Por que se pode afirmar que elas são obras barrocas?

2 Por que o barroco no Brasil é muito presente em igrejas católicas?

Este Tema discute a vinda dos africanos para o Brasil, que trouxeram com eles suas manifestações culturais. A mescla entre a cultura africana e a brasileira deu origem à cultura afro-brasileira. Você estudará também algumas das religiões brasileiras de matrizes africanas.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Quando se fala em cultura africana, o que vem à sua mente: danças, músicas, comidas, religiões, esculturas?



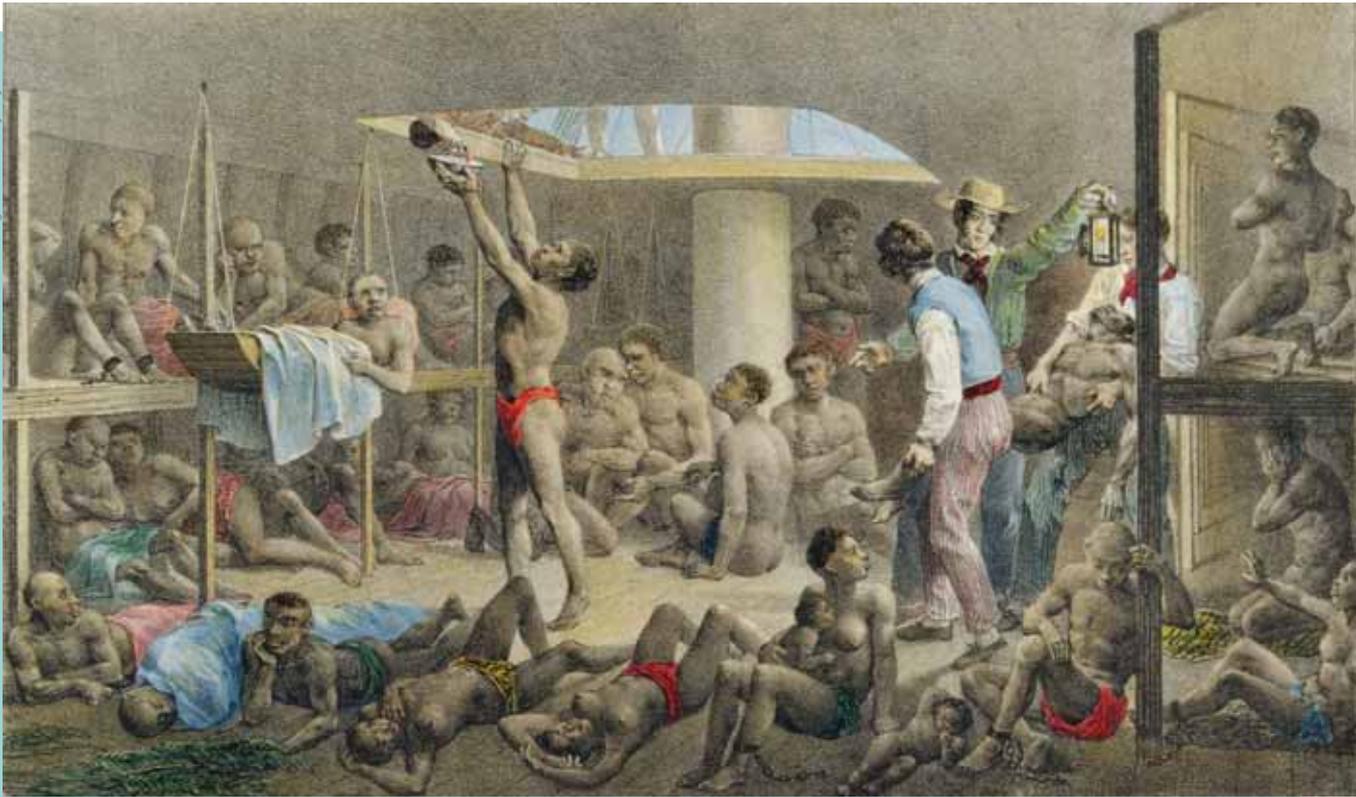
Africanos no Brasil

A história dos africanos no Brasil teve início por volta de 1530, quando os portugueses começaram a levar, à força, pessoas do continente africano para trabalhar como escravos nas colônias portuguesas, como no caso do Brasil. O tráfico durou até aproximadamente 1850 – mesmo após sua proibição, em 1830.

Os africanos eram trazidos para a nova terra em embarcações chamadas **navios negreiros**. As condições dessas viagens eram péssimas: superlotação nos porões dos navios, ausência de alimentação adequada para as pessoas e nenhum tipo de iluminação nos navios. Por essa razão, era alto o número de mortos durante o longo trajeto.

Além disso, eles eram tratados como mercadorias, comercializados nos mercados da Bahia, do Rio de Janeiro, do Maranhão e de Pernambuco. Uma vez comprados, os escravos seguiam para trabalhar na lavoura, na mineração, na pecuária ou em trabalhos domésticos.

Veja na próxima página como o pintor Johann Moritz Rugendas retratou o porão de um navio negreiro, no ano de 1835. Todos amontoados, seminus, muitos acorrentados. O que mais você observa na imagem?



Johann Moritz Rugendas. *Negros no porão de navio*, 1835. Litogravura de L. Deroi, integrante da obra *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo (SP).

ATIVIDADE 1 Retratos do trabalho escravo

Como você viu na Unidade 3, o artista francês Jean-Baptiste Debret chegou ao Brasil em 1816 com a Missão Artística Francesa e trabalhava a serviço da corte portuguesa.

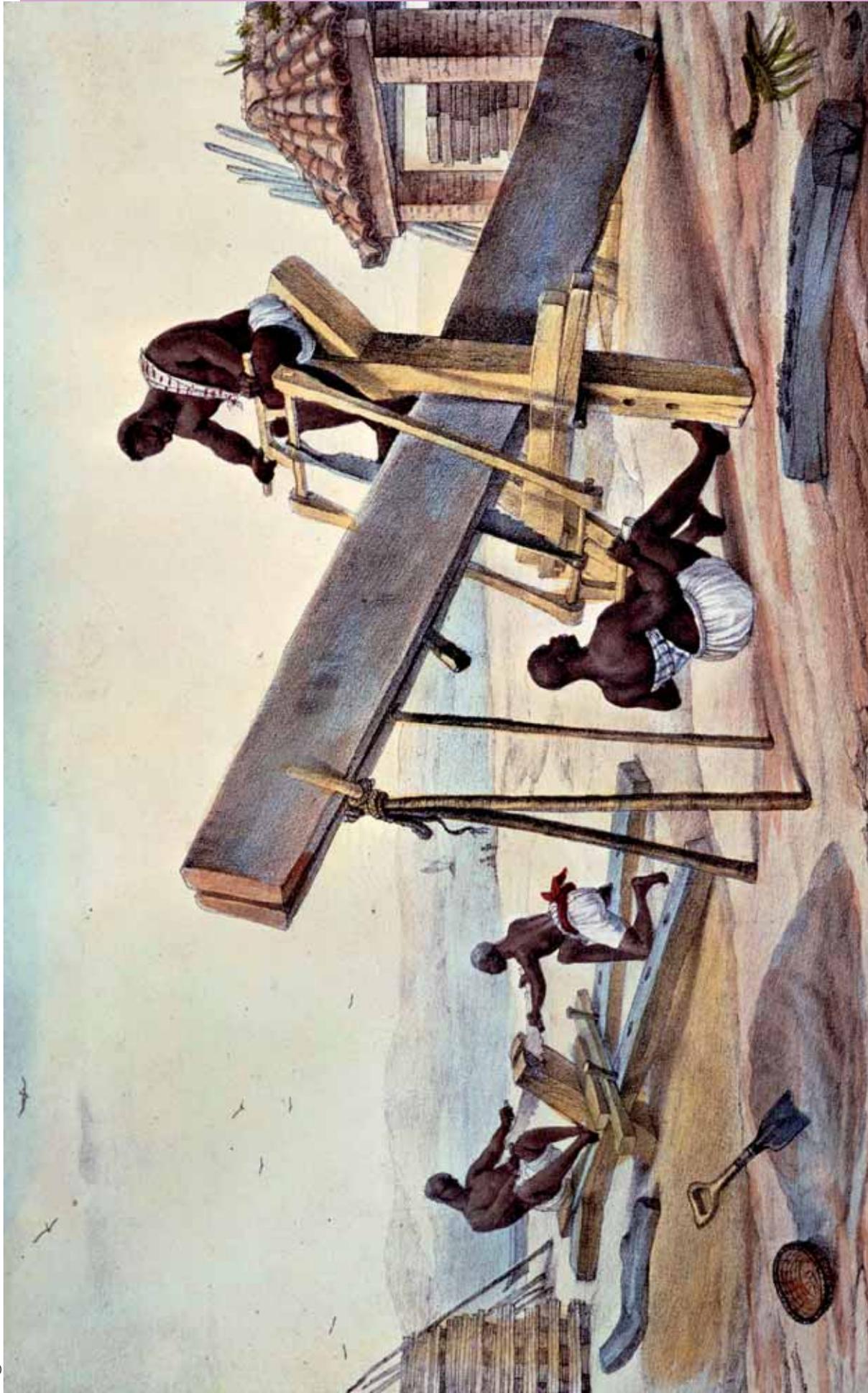
Aqui, Debret retratou os usos e os costumes brasileiros de forma geral. Na Unidade anterior você analisou trabalhos desse artista cujo foco eram as tribos indígenas brasileiras. Neste momento você vai estudar algumas obras que mostram os trabalhos feitos pelos escravos. É importante saber que, além de retratar esses trabalhos, Debret registrou suas impressões por meio de desenhos, **aquarelas** e gravuras. Essas imagens são mostradas em seu livro *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*.

Observe algumas das imagens de Debret, nas próximas páginas. Depois, responda às questões propostas após essas imagens.

Aquarela

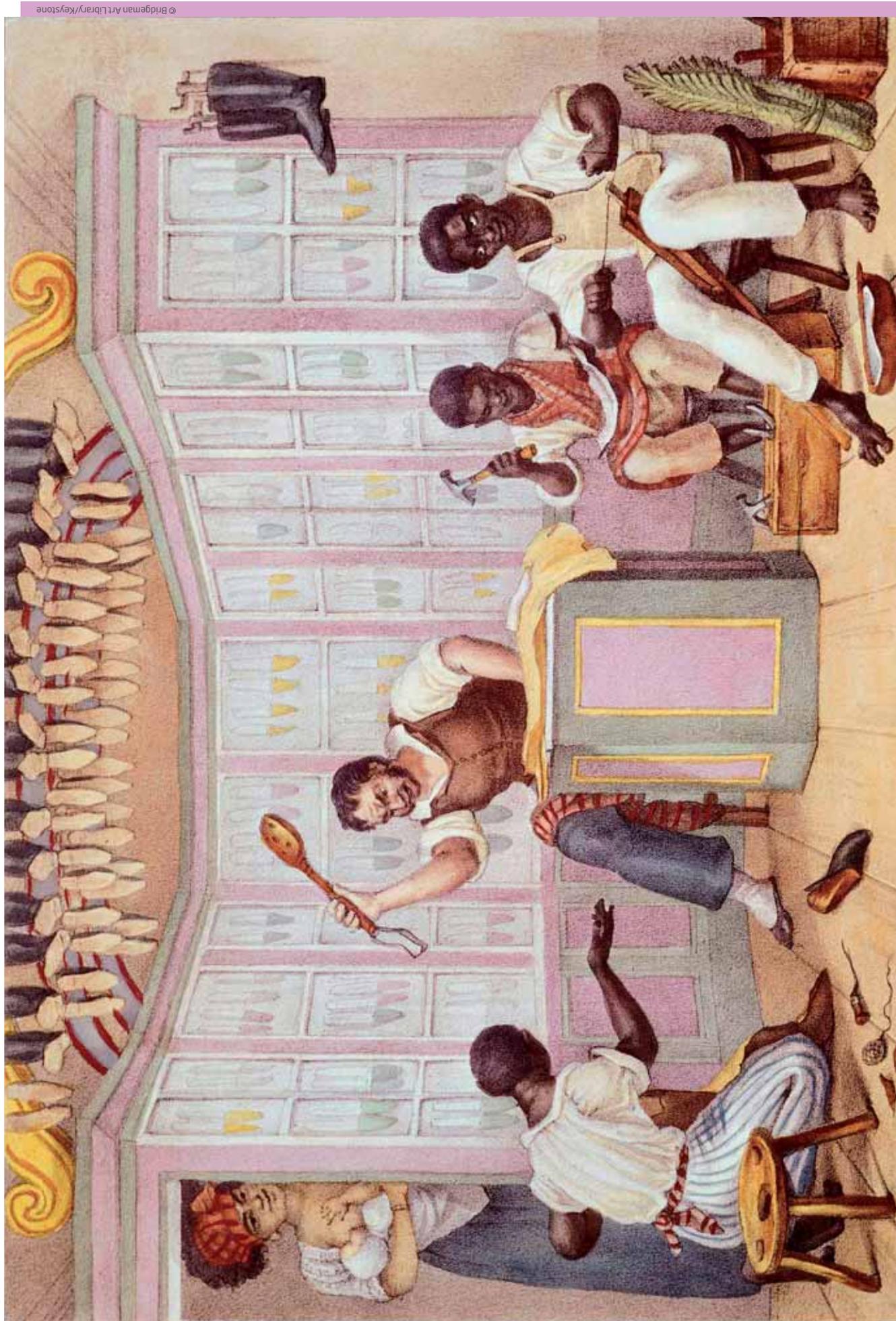
Técnica de pintura muito antiga em que os pigmentos são dissolvidos em água. São necessários papéis e pincéis especiais para essa pintura, pois ela é muito delicada.

Figura 1



Jean-Baptiste Debret. *Serradores*, 1834. Litogravura de C. Motte, 20,4 cm x 32 cm, integrante da obra *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, vol. 1.

Figura 2



© Bridgeman Art Library/Keystone

Jean-Baptiste Debret. Sapateiro, 1835. Litogravura de Thierry Frères, 20,4 cm x 32 cm, integrante da obra Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, vol. 2.

Figura 3



© Bridgeman Art Library/Keystone

Jean-Baptiste Debret. *Lavadeiras na beira do rio*, 1835. Litogravura de Thierry Frères, 16,2 cm x 22,3 cm, integrante da obra *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, vol. 2.

Figura 4



© Bridgeman Art Library/Keystone

Jean-Baptiste Debret. *Banha de cabelos bem cheirosa*, 1827. Aquarela sobre papel, 15,8 cm x 21,9 cm. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro (RJ).



1 Algumas das obras (figuras 1, 2 e 3) são litogravuras, um tipo de gravura que você estudou na Unidade 1. O que você lembra das características dessa técnica?

2 Na figura 4, o que você observa em relação às figuras e ao fundo?

3 Com base nessas quatro obras, qual o tema que mais aparece nas imagens produzidas por Debret? Como o artista representa as figuras humanas?

4 Se você fizesse um passeio por algumas cidades brasileiras, como fez Debret, e tivesse que escolher um assunto comum a todas as cidades, qual assunto você escolheria para registrar? Por quê? Faria desenhos, textos, filmes, fotografias? Justifique sua escolha.



Arte e religiões africanas

As contribuições das culturas africanas para o Brasil são diversas. Estão na culinária e na religião, além de terem marcado profundamente a música e a dança, como o maracatu, o coco, o afoxé e a capoeira, entre outras manifestações artísticas.

Pensando nisso, o que você conhece sobre as culturas africanas no Brasil? Que outras influências da África você conhece?

Uma música que retrata essa riqueza de influências é *Bahia de todas as contas*, de Gilberto Gil. Vale a pena conhecer.

Religiosidade africana no Brasil

Os negros obrigados a vir para o Brasil como escravos eram impedidos de trazer seus pertences. Traziam, dos diversos locais do continente africano, somente as memórias e as vivências da terra natal, ou seja, sua **ancestralidade**, que seria expressa no Brasil por meio de manifestações culturais e religiosas.

As religiões afro-brasileiras recebem nomes diferentes, dependendo do lugar e da prática de seus rituais. No Nordeste, por exemplo, há o tambor de mina, o xangô pernambucano e o candomblé baiano. No Rio de Janeiro e em São Paulo, prevalecem a umbanda e o candomblé. No Sul, o batuque gaúcho. Na religiosidade africana, os deuses são chamados de orixás.

Observe, nas figuras da página seguinte, as esculturas dos orixás produzidas por Tatti Moreno, que fazem parte do dique do Tororó, um ponto turístico muito conhecido na cidade de Salvador (BA). Observe também um detalhe do mural do artista Carybé, que mostra o orixá Obá.



ASSISTA!

Arte – Volume 2

Danças brasileiras

Este vídeo apresenta mais detalhes sobre as contribuições das populações africanas para a dança brasileira, ressaltando também as influências indígenas e europeias. Nele você verá o depoimento de especialistas em dança falando sobre algumas características de danças como o frevo, o maracatu, o coco, o jongo e a ciranda.



Ancestral

Palavra que se refere à geração anterior, aos antepassados.



Tatti Moreno. *Orixás*, 1998. Esculturas em fibra de poliéster, 600 cm de altura. Dique do Tororó, Salvador (BA).

A crença do candomblé está baseada nos orixás. Cada orixá tem características, cores e roupas específicas, além de adornos e alimentos preferidos.

Foto © Jonas Crebler © 100% Copyrights Consultoria



Carybé. *Obá* (detalhe do *Mural dos Orixás*), 1979. Painel entalhado em cedro com incrustações, 200 cm x 100 cm. Banco da Bahia Investimentos S/A, Salvador (BA).



**MOMENTO
CIDADANIA**

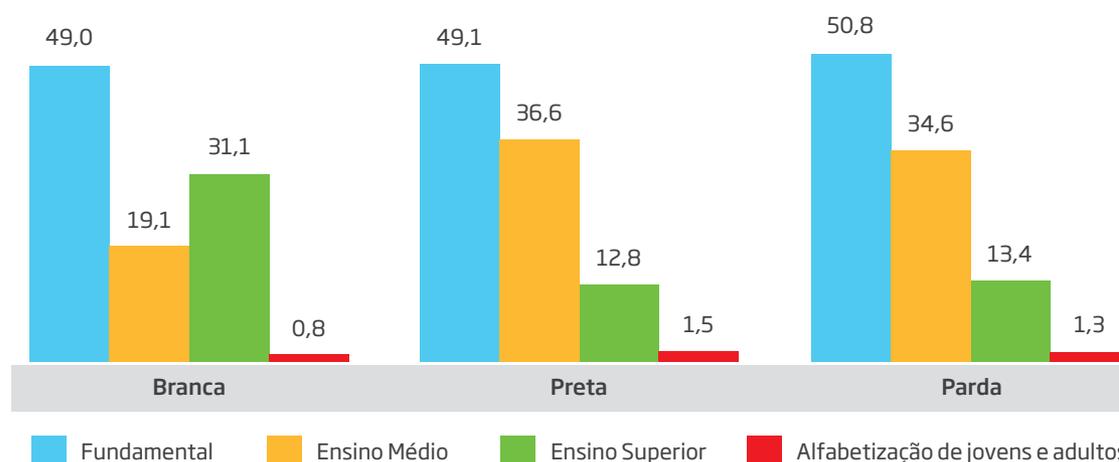
Os quase quatro séculos de escravidão no Brasil deixaram marcas profundas na sociedade, que perduram até os dias atuais. O racismo e a discriminação são exemplos de uma realidade repleta de intolerância.

A desigualdade entre as raças continua a existir até hoje. Veja a seguir dados sobre educação e raça, obtidos no censo demográfico de 2010, em que toda a população do País é consultada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A educação é um dos fatores importantes para obter emprego ou melhores empregos, portanto, a análise dos dados de escolaridade de negros e brancos revela a desigualdade entre eles.

Apenas 12,8% da população negra frequentava o ensino superior em 2010, enquanto entre os brancos 31,1% frequentavam o ensino superior.

Distribuição dos brasileiros de 15 a 24 anos de idade que frequentavam escola, por cor ou raça, segundo o nível de ensino (em %)



IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009352506122012255229285110.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2014.

Esses e muitos outros dados demonstram que a questão racial não foi superada no Brasil.

Tendo essa questão como foco, foram criadas algumas políticas, chamadas ações afirmativas, que propõem a inclusão dos afrodescendentes em universidades, por exemplo. O objetivo é compensar uma desigualdade construída socialmente ao longo da história brasileira e valorizar a cultura e as pessoas afrodescendentes.

Para conhecer mais sobre o debate racial, visite o site do Instituto Geledés. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/racismo-preconceito>>. Acesso em: 12 mar. 2014.



ASSISTA!

Arte – Volume 2

Museu Afro Brasil

Este vídeo traz uma visita virtual ao Museu Afro Brasil, de São Paulo, guiada por Emanuel Araújo, diretor e curador do museu. Ele apresenta diversos objetos e obras africanas e afro-brasileiras que vasculham a memória, a arte e a religiosidade desde o tempo dos navios negreiros até os dias atuais.



PENSE SOBRE...

AGÊNCIA BRASIL

Brasília, 27 de setembro de 2009

Negro é uma construção social, afirma especialista do IBGE

Gilberto Costa

Desde o século 19, o Brasil procura fazer um levantamento, por meio do censo, da cor da população. Na semana passada, pela primeira vez na história, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou que mais da metade dos brasileiros é formada por pessoas com cor de pele parda ou preta (50,6%).

O dado é da Pesquisa Nacional

por Amostra de Domicílios (Pnad) e se baseia na autodeclaração ou “autoclassificação”, como prefere dizer Ana Lúcia Saboia, chefe da Divisão de Indicadores Sociais do Instituto.

O critério de autoclassificação é recomendado internacionalmente e apontado como alternativa menos subjetiva para definir a cor de uma pessoa. [...]

Agência Brasil. Disponível em: <<http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2009-09-27/negro-e-uma-construcao-social-afirma-especialista-do-ibge>>. Acesso em: 16 maio 2014.

Pensando nessa notícia, qual a relação das informações apresentadas com o que você estudou nesta Unidade?



DESAFIO

As manifestações culturais expressam características herdadas, principalmente, dos indígenas nativos, dos colonizadores europeus e dos negros africanos trazidos como escravos. Indique a manifestação popular mais diretamente vinculada à herança cultural dos negros africanos.

- | | |
|--------------------------------------|------------------------------------|
| a) Bonecos gigantes, em Pernambuco. | d) Folia de Reis, em Minas Gerais. |
| b) Farra do boi, em Santa Catarina. | e) Círio de Nazaré, no Pará. |
| c) Afoxé Filhos de Gandhi, na Bahia. | |

IBGE 2009. Recenseador. Disponível em: <http://site.cesgranrio.org.br/eventos/concursos/ibge0109/pdf/ibge0109_prova_rec.pdf>. Acesso em: 16 maio 2014.



Lined writing area with horizontal lines.

